

**A ascensão do populismo de direita
nas redes sociais:
Uma análise comparativa do instagram de Jair
Bolsonaro (BR) e André Ventura (PT) nas últimas
eleições presidenciais**

Versão Final Após Defesa

Maria Eduarda Odilia Costa

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Comunicação Estratégica: Publicidade e Relações Públicas
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor David Geraldês Santos

julho de 2023

Declaração de Integridade

Eu, Maria Eduarda Odilia Costa, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição M11274 de Comunicação Estratégica: Publicidade e Relações Públicas da Faculdade de Artes e Letras , declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais especificamente, afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica e que, aqui neste documento, atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã , 18 /07 /2023

Maria Eduarda Odilia Costa

Dedicatória

Dedico a construção deste trabalho às duas forças que me moveram nos momentos difíceis: aos meus familiares e todas as pessoas queridas que estiveram ao meu lado. Também dedico ao meu contínuo desejo de desenvolver projetos que contribuam para a construção de um mundo cada vez mais igualitário e justo para todos.

Agradecimentos

Em um momento tão especial como este, expresso meu reconhecimento a todos aqueles que estiveram presentes durante essa trajetória. Primeiramente, agradeço aos meus pais, Eduardo Cunha da Costa e Irene Odilia de Carvalho Costa, que acompanharam cada passo dessa jornada, me fortalecendo nos dias difíceis e aguentando a saudade em prol de um bem maior.

À minha família, em especial, Yolanda, Vó Du, Bernadete e Léo, que sempre incentivaram e apoiaram a ideia de que sim, uma menina de origens humildes, mas com muita força de vontade seria capaz de atravessar o oceano e realizar os seus maiores sonhos.

Aos amigos feitos durante essa jornada, com um destaque mais que merecido para minha eterna companheira, Fabi. Afinal, sem ela, não teria suportado as dificuldades de morar em outro país, superar as adversidades e aprender a ver a vida de uma forma mais leve e “arriada”.

Agradeço também à Universidade da Beira Interior por ter se tornado uma referência de segurança, aprendizado e amizade. Afinal, foi nesse lugar que conheci dois grandes amigos, Carol e Lucas.

Ao meu orientador, David Gerald Santos, obrigada por toda prestatividade durante o percurso, pelas sugestões e orientações para a construção de um trabalho relevante para a sociedade. Mas, principalmente, por ter me mostrado que o universo acadêmico pode ser acolhedor, leve e saudável. A você, o meu muito obrigada.

No mais, agradeço e homenageio à pessoa mais importante durante toda essa trajetória, alguém que esteve presente desde o início, segurando a minha mão, me oferecendo aconchego e amor nos dias que tudo parecia dar errado. Com a sensação de dever cumprido, agradeço a mim, que desde criança lutei pelos meus sonhos, conseguindo realizar o que muitos consideravam impossível e tendo a certeza que ainda farei muito mais. Afinal, essa mesma criança, prometeu para si mesma que a sua jornada de vida seria voltada para construção de instrumentos que auxiliassem na formação de um mundo cada vez mais justo e acessível para todos.

Prefácio

Quando criança, ao me perguntarem o que eu queria ser quando crescesse, a minha resposta sempre foi extensa. Afinal, que criança responderia: “Eu ainda não sei por meio de qual profissão, mas meu desejo é fazer algo que mude o mundo.” Assim, segui em busca do meu caminho, sempre atenta às transformações sociais e culturais.

Em um momento decisivo, enxerguei na comunicação o canal perfeito para a promoção das mudanças que o mundo precisa. Por isso, escolhi ser uma comunicadora imersa no universo político, ou seja, mudar o mundo por meio de sua estrutura, de dentro para fora. Com o passar do tempo, percebi que não é tão simples assim, mas que apesar de árduo o caminho compensa.

Então, hoje me encontro aqui, no meu segundo grande trabalho acadêmico, produzindo mais um material que estuda um tema ‘vivo’, em ascensão. Para que, assim, a parcela da sociedade que se encontra em dúvida, possa perceber que o caminho do obscurantismo, do negacionismo, do autoritarismo, só nos faz regredir, nos tornando cidadãos sem voz, sem escolha e em um mundo totalmente antidemocrático.

Assim, esse prefácio reflete o sonho de uma criança que sempre quis mudar o mundo e a versão de uma acadêmica que conseguiu encontrar uma forma de contribuir com essa transformação.

Resumo

A ascensão do populismo de direita, através das mídias sociais, fez com que políticos extremistas conseguissem crescer em países que adotam um regime democrático. Assim, no contexto brasileiro e português os discursos extremistas, o compartilhamento de notícias falsas e o processo de descredibilização da democracia são ações cada vez mais comuns e estimuladas pelos líderes populistas André Ventura (PT) e Jair Bolsonaro (BR). Para auxiliar ainda mais no processo de descrença política e alterar toda a lógica da esfera pública, tais atores mostram-se como os “salvadores da pátria”, persuadindo o público que está cansado da dinâmica política “tradicional”. Com intuito de concentrar os estudos, reconhecendo a forte presença política dessas personalidades nas mídias sociais, o presente trabalho analisará o perfil do Instagram dos políticos direitistas Jair Bolsonaro e André Ventura, levando em conta os 30 dias que antecederam as últimas eleições presidenciais de cada país. Diante desse cenário, o projeto desenvolvido irá estudar a ascensão do populismo de direita nas redes sociais, produzindo uma análise comparativa, realizada por meio da categorização dos conteúdos postados durante o prazo estipulado. Por fim, serão examinadas as semelhanças e discordâncias encontradas entre os líderes políticos analisados, com o objetivo de entender o crescimento do populismo de direita nas redes sociais, a partir da perspectiva de cada país.

Palavras-chave

Populismo; Democracia; Mídias sociais.

Abstract

The rise of right-wing populism, through social media, has allowed extremist politicians to thrive in countries that embrace a democratic regime. Thus, in the Brazilian and Portuguese contexts, extremist speeches, the sharing of fake news, and the process of discrediting democracy have become increasingly common and encouraged by populist leaders André Ventura (PT) and Jair Bolsonaro (BR). To further aid in the process of political disbelief and to alter the entire logic of the public sphere, these actors present themselves as the "saviors of the nation," persuading a weary public tired of "traditional" politics. In order to focus the study and acknowledge the strong political presence of these figures on social media, this paper will analyze the Instagram profiles of right-wing politicians Jair Bolsonaro and André Ventura, taking into account the 30 days leading up to the latest presidential elections in each country. Given this scenario, the developed project will examine the rise of right-wing populism on social media, producing a comparative analysis through the categorization of the content posted during the stipulated timeframe. Finally, the similarities and discrepancies found between the analyzed political leaders will be examined, with the aim of understanding the growth of right-wing populism on social media from the perspective of each country.

Keywords

Populism; Democracy; Social Media.

Índice

Lista de Figuras	xvii
Lista de acrônimos	xxii
Introdução	1
Capítulo 1. A importância da imprensa para a formação da democracia e a chegada das redes sociais	5
1.1. A esfera pública de Habermas e a origem da imprensa	6
1.2. Opinião pública, liberdade de imprensa e democracia	8
1.3. O surgimento dos novos meios de comunicação e a chegada da internet	12
1.4. A popularização das redes sociais e o seu potencial como ferramenta política	17
Capítulo 2. A construção da democracia como ferramenta para uma sociedade igualitária	21
2.1. A origem da democracia	22
2.2. A internet e o surgimento da democracia digital	26
2.3. Os ataques “democráticos” contra a própria democracia	31
Capítulo 3. O populismo de direita e a participação política em sociedades democráticas	36
3.1. A origem do populismo e a vertente construtivista	38
3.2. A ascensão do populismo de direita na última década	44
3.3. O populismo de direita e sua forte presença nas redes sociais	50
3.4. A validação dos posicionamentos extremistas a partir de líderes políticos populistas de direita	54
Metodologia	58
Capítulo 4. Análise comparativa dos posicionamentos populistas do Instagram de Jair Bolsonaro (BR) e André Ventura (PT)	62
4.1 Análise de Jair Bolsonaro	63
4.2 Análise de André Ventura	71
4.3 Similaridade e discrepâncias entre os políticos analisados	79
Conclusão	84
Referências	86

Lista de Figuras

Figura 1 - Perfil no Instagram de Jair Bolsonaro	60
Figura 2 - Porcentagem de conteúdos estáticos e audiovisuais	61
Figura 3 - Posicionamento de Bolsonaro sobre questão religiosa	62
Figura 4 - Ataque de Bolsonaro à imprensa	63
Figura 5 - Apoio do jogador Neymar à reeleição de Bolsonaro	63
Figura 6 - Vídeo divulgando comício de Bolsonaro	64
Figura 7 - Vídeo mostrando obra em fase de conclusão	64
Figura 8 - Bolsonaro cumprimentando capoeiristas	65
Figura 9 - Porcentagem da classificação de conteúdos (JB)	65
Figura 10 - Média de comentários por posts (JB)	66
Figura 11 – Perfil no Instagram de André Ventura	68
Figura 12 - Porcentagem de conteúdos estáticos e audiovisuais (AV)	69
Figura 13 – André Ventura e a pauta nacionalista	70
Figura 14 – André Ventura e a pauta da segurança pública	71
Figura 15 – Comício Drive-in de André Ventura	71
Figura 16 – Pedido de voto de André Ventura	72
Figura 17 – Desejo de Boas Festas	72
Figura 18 – Postagem mais humanizada que mostra momento de lazer	73
Figura 19: Porcentagem da classificação de conteúdos (AV)	73
Figura 20 - Porcentagem da classificação de conteúdos (AV)	74
Figura 21 - Pesquisa por Jair Bolsonaro na Internet	75
Figura 22 - Pesquisa por André Ventura na Internet	76
Figura 23 - Comparação de conteúdos publicados	77
Figura 24 - Comparação de conteúdos utilizados	78

Lista de Acrónimos

[1 linha de intervalo]

ARPA	Agência de Projetos de Pesquisa Avançada
ARPANET	Advanced Research Projects Agency Network
BR	Brasil
COVID	Coronavírus
CDS-PP	Partido Popular
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBTQIA+	lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais
GRP	Gabinete de Relações Públicas
PT	Portugal
PSD	Partido Social Democrata
RIFA	<i>Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo</i>
SEF	Serviço de Estrangeiros e Fronteiras
UBI	Universidade da Beira Interior

Introdução

A comunicação originou-se a partir da troca de informações entre os povos e se fez presente na história dos seres humanos desde o princípio. Com a evolução da população, o ato de comunicar-se se desenvolveu junto com a sociedade, estando diretamente ligado às evoluções sociais e tecnológicas. É notório que com o passar dos anos, uma parcela dos cidadãos começou a enxergar o real poder de influência existente por trás da comunicação. Manobras sociais como essa mostraram a indispensabilidade em se manterem minimamente informados sobre assuntos públicos e políticos, culminando na criação de uma dimensão cujo intenção é propiciar o debate sobre esses temas.

Sendo teorizada por Habermas, a esfera pública é um espaço de convívio social destinado ao compartilhamento de opiniões da população acerca dos assuntos de comum interesse. É importante frisar que, para a existência de tal dimensão, faz-se necessário que a liberdade e igualdade estejam asseguradas para todos os cidadãos, levando com que a política e a discussão se realizem de forma genuína.

Atrelado a esse conceito está o populismo, movimento que busca mobilizar e conquistar o apoio popular, muitas vezes utilizando retórica simplista e apelando às emoções dos eleitores, ou seja, utilizando a esfera pública. Em determinadas ocasiões, esse movimento distorce a dinâmica da esfera pública, ao colocar os líderes populistas como porta-vozes do povo e, portanto, como únicos representantes legítimos dos interesses populares.

Assim, com a evolução dos tempos e as mudanças nos contextos sociais, a esfera pública e o populismo passaram por transmutações, acompanhando o desenvolvimento dos indivíduos. Tais aspectos influenciaram no surgimento da imprensa, fazendo com que esse meio de comunicação se tornasse um dos pontos-chaves para a sobrevivência da democracia. Nessa conjuntura, a participação política da população está vinculada ao desenvolvimento da imprensa que até hoje serve como meio amplificador da voz de uma sociedade em busca dos direitos e contra a tirania de líderes direitistas.

Após o reconhecimento social da influência exercida pela imprensa, inicia-se um universo de negócios por trás dos veículos de comunicação. Mundo afora, os governantes, em conjunto com os cidadãos detentores de maior poder aquisitivo, passaram a investir nos canais de comunicação e a monopolizá-los. A partir de 1919, com a chegada da era do rádio, este cenário passa por uma mudança drástica,

potencializando a comercialização da informação. Alguns anos depois, por volta de 1927, foram realizadas as primeiras transmissões através da televisão, expondo o seu potencial manipulativo. Por fim, a popularização desses novos veículos de comunicação passou a impulsionar a publicidade.

Nesse contexto, os conteúdos ligados ao lazer destacaram-se em relação aos tópicos relacionados com a política, fazendo com que a imprensa começasse a perder o papel de mediadora dentro da esfera pública. Durante as décadas de 1930 e 1940, os veículos de comunicação desempenhavam um papel significativo ao exercer influência sobre as massas, especialmente durante os períodos de guerra. Além disso, a criação de comerciais exaustivos e o desenvolvimento da teoria hipodérmica – modelo que explica como uma mensagem enviada para um público de massa afeta a todos da mesma forma (Lasswell, 1932) - foram alguns dos notáveis aspectos da mudança estrutural da imprensa.

Com o passar dos anos e a evolução da massa, a sociedade vivencia um processo de reconstrução da vida social e, nesse momento, a população sente-se confortável em expressar seus pontos de vista. Ao invés de apenas consumir as informações oferecidas pela mídia, os indivíduos passam a reagir aos conteúdos ofertados. Tais atitudes acabam por fomentar o nascimento de uma imprensa com cunho opinativo, na qual a luta pela liberdade de opinião fez transparecer a mudança presente no cenário da comunicação pública. Nessa sorte, a população passou a conhecer parte da estrutura do Estado, podendo identificar as deficiências políticas encontradas no sistema vigente.

Com a chegada de novos tempos, o avanço tecnológico é responsável pela mais recente mudança no âmbito da informação. Em 1995, a chegada das mídias sociais apresentou a parte da população um novo universo, expondo a possibilidade de um mundo digital e conectado. Através da popularização da internet a partir dos anos 2000, as informações passaram a ser mais acessíveis, mostrando os grandes progressos na infraestrutura dos meios de comunicação. A utilização diária das mídias sociais iniciou-se e trouxe aos usuários o *insight* de poder compartilhar suas opiniões dentro desse ambiente.

A internet, em conjunto com as mídias sociais, chegou apresentando o seu potencial democrático, oferecendo ao cidadão a oportunidade de expressar sua opinião sem a necessidade de passar por um filtro mediador. Com isso, surgiu uma demanda por formas mais participativas e diretas de democracia, que utilizassem a tecnologia para permitir que os cidadãos participassem ativamente do processo político.

Assim, da mesma maneira que aconteceu com o surgimento da imprensa, os atores políticos enxergam o poder de influência dos novos meios de comunicação e passam a

desenvolver formas de manipular a massa. Dessa vez, os indivíduos são interligados por uma rede de conexões pré-estabelecidas através das suas afinidades, formando uma bolha virtual – ambiente permeado de informações semelhantes.

Como consequência dessa utilização estratégica de algoritmos, a sociedade entrou na era da pós-verdade – termo que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais (Oxford, 2016), resultando no processo de descredibilização das notícias e conteúdos oferecidos pela imprensa. Além disso, um dos frutos mais recentes da pós-verdade são os discursos extremistas – notícias, imagens, vídeos e posicionamentos com grande potencial de viralização – responsáveis por manipular as massas, em favor dos seus criadores.

Assim, o objetivo geral desse projeto está diretamente relacionado ao processo de investigação do crescimento do populismo de direita nas redes sociais, produzindo uma análise comparativa sobre os posicionamentos e conteúdos publicados por Jair Bolsonaro (BR) e André Ventura (PT), nos 30 dias que antecedem a última eleição presidencial de cada país. Além disso, como uma forma de direcionamento da análise, um dos objetivos específicos é estudar o alcance de tais políticos populistas, levando em conta sua influência no Instagram. Tais panoramas evidenciam as massas como objeto para a tentativa de controle que, em conjunto com a instantaneidade e autonomia oferecidas por todo o ambiente virtual, está ajudando na construção de um padrão político antidemocrático dentro da própria democracia.

Ao final, somando ao conjunto de objetivos específicos escolhidos, serão analisados de forma isolada os líderes direitistas Jair Bolsonaro (BR) e André Ventura (PT), buscando entender como os seus posicionamentos extremistas aumentaram o seu alcance em relação ao público e interferiram durante o processo eleitoral das últimas eleições presidenciais no Brasil (2022) e em Portugal (2021). E como desfecho, buscamos esclarecer de que forma a circulação e difusão dos conteúdos desses líderes impactou nos padrões de alcance, relacionamento, estilo e aumento do populismo de direita presente nas redes sociais.

Partindo dessa perspectiva, torna-se possível notar que as redes de conexões criadas através das mídias sociais foram, em parte, responsáveis pela facilitação da propagação de discursos extremistas de direita. É notório que a circulação desses discursos está em um ambiente que facilita sua viralização, favorecendo o aumento do alcance dos líderes políticos. Sendo assim, a ascensão do populismo de direita, estudada neste trabalho, evidencia campanhas eleitorais e governos que, diretamente ou indiretamente, pregam

políticas antidemocráticas, fazendo com que as múltiplas estratégias de combate a esses posicionamentos mostrem a sua importância para a manutenção da democracia.

Capítulo 1 – A importância da imprensa para a formação da democracia e a chegada das redes sociais

Após séculos vivendo à sombra de comandos antidemocráticos, em que os soberanos eram escolhidos sem a participação popular, os cidadãos passaram a procurar formas de conquistar espaço político. Em meio a governos absolutistas, nos quais a estrutura sociopolítica se baseava no poder aquisitivo e sucessões hereditárias, uma parcela da população, conhecida como burguesia, passou a se articular em busca do conhecimento sobre assuntos públicos. Tais acontecimentos culminaram na formação da imprensa, espaço onde essa classe social expressava suas opiniões e questionamentos acerca das temáticas públicas.

Assim, a criação dos meios de comunicação foi de extrema importância para a criação de um Estado democrático, no qual todos os cidadãos, por meio do direito ao voto, participam igualmente – direta ou indiretamente por meio de representantes escolhidos – na proposta, desenvolvimento e criação de leis. Os direitos oriundos da democracia estão inseridos em todos os setores da sociedade, sejam eles culturais, sociais e econômicos, proporcionando o livre exercício do pensamento e a liberdade de imprensa.

Assim como o surgimento da imprensa foi fundamental para a formação dos governos democráticos, a chegada das redes sociais demonstrou sua capacidade na ampliação do acesso à informação, trazendo também a oportunidade de os cidadãos exporem as suas opiniões sem um filtro mediador, além de possibilitar encontros ideológicos e potencializar a formação de comunidades. Com isso, é possível afirmar o seguinte:

A internet e as mídias sociais abriram uma nova era para a política e a democracia. Se no passado a política era construída entre as grandes ‘castas’ do momento, hoje todos propagamos nosso posicionamento por meio da ferramenta mídias sociais. (Naddi, 2018, p.353).

Por isso, levando em conta a multiplicidade das redes sociais, os agentes políticos contemporâneos logo perceberam seu potencial dentro dessa área, fazendo com que o mundo digital se transformasse em uma grande ferramenta política, capaz de unir multidões e alterar o curso da história mundial, afetando regimes democráticos.

1.1 A esfera pública de Habermas e a origem da imprensa

A estruturação dos termos “público” e “esfera pública” é o resultado de diferentes fases históricas que trazem consigo a evolução social e a reestruturação de um Estado, cuja obrigação maior passa a ser cuidar do bem comum de todos os cidadãos. Tal progresso está associado ao desenvolvimento da classe burguesa, que começou a avançar devido ao nascimento da era capitalista. Sendo assim e, por conseguinte, com a definição do termo “esfera pública” surge a teorização sobre a esfera pública burguesa, que é definida por Habermas (2003b), como uma categoria histórica aprimorada entre as tensões do Estado e da sociedade.

O comércio de longa distância passou a desenvolver-se, abrindo espaço para a criação de outros mercados, entre eles o da informação. Durante o século XVII, surgem os primeiros traços da comercialização de notícias, que estavam diretamente ligadas a informações comerciais:

O segundo elemento das relações de troca do capitalismo inicial também se desdobra com uma força explosiva: a imprensa. Naquela época, as correspondências privadas continham notícias detalhadas e atualizadas sobre assembleias parlamentares e os acontecimentos bélicos, o rendimento das colheitas, os impostos, o transporte de metais preciosos e, sobretudo, é claro, notícias sobre o comércio internacional. (Habermas, 2014, p.108).

Contudo, somente com a chegada do Estado Moderno, a comercialização de notícias e mercadorias pôde mostrar o seu potencial revolucionário. Nesse processo, consolida-se o entendimento de “Nação” – o Estado moderno com suas instituições burocráticas e uma necessidade financeira crescente, que, por sua vez, atua retroativamente como acelerador da política mercantil, como explicou Habermas (2014). Todavia, simultaneamente a essa fase, a imprensa passou a ser alvo de interesse das novas autoridades, que passaram a controlar disfarçadamente os conteúdos publicados, tornando a circulação dos jornais útil para a administração pública.

Os jornais políticos, como eram conhecidos inicialmente, foram vistos como uma ruptura da tradição. Todavia, com o passar do tempo, o novo modo de circulação de notícias passou a ser encarado como algo extraordinário entre aqueles que possuíam o privilégio de ter acesso às informações. As notícias veiculadas por esses jornais estavam diretamente ligadas às informações particulares e de interesse do governo, dificultando a circulação livre de conteúdo.

De acordo com Habermas (2014), no arsenal de publicação, mantinham-se as “novidades tradicionais”: as curas milagrosas e as chuvas torrenciais, os assassinatos, as epidemias e os incêndios. Assim, as informações publicadas encaixavam-se no perfil de notícias permitidas pelo governo absolutista.

Após a separação econômica entre governantes e Estado, a administração pública das Finanças tornou-se o centro do governo, atribuindo ao processo de tributação de impostos o poder de manter o equilíbrio, transformando o Estado Moderno em Estado Fiscal. Com essa nova estruturação, a burguesia passa a ser o ponto central desse imposto, que muitas vezes, ocorreu de forma abusiva, fazendo com que essa classe social encarasse o poder público de forma negativa:

O poder público se consolida em uma oposição palpável para aqueles que lhe são meramente subordinados e, de início, encontraram nele apenas a sua função negativa. Pois essas são as pessoas privadas, que, por não ter cargo público, são excluídas da participação no poder público.” (Habermas, 2014, p.142).

Por consequência, a burguesia passa a entender a influência do capital no Estado, reconhecendo-se como principal fonte de tributação e, portanto, financiadora do governo, passando a procurar formas de participar no poder público. Diante disso, começam as articulações para que a imprensa passe a ser um meio para a reivindicação dos seus direitos. Em paralelo, os burgueses começaram a investir em atividades que, juntamente com a educação, favorecessem o desenvolvimento do seu potencial intelectual, o que deu origem a uma classe mais instruída e politizada, estando preparada para romper com as tradições e lutar em busca da consolidação de novas políticas.

Com o Estado Absolutista estável e o desenvolvimento veloz do capitalismo, a esfera pública burguesa transformou-se num espaço de resistência à autoridade pública e estatal. Segundo Habermas (2014), a criação da esfera privada – espaço de emancipação psicológica – culminou no fortalecimento das tensões entre a cidade e a corte, ou seja, o público *versus* o privado. Desse modo, nasce a nova burguesia que está presente nos teatros, museus e concertos, educando-se intelectualmente e rompendo os paradigmas relacionados com essa classe.

Concomitantemente ao desenvolvimento social da esfera pública burguesa, surgiram os primeiros traços de uma imprensa crítica e opinativa. Os cidadãos passaram a questionar os governantes sobre temas restritos ao Estado e à Igreja, expondo suas opiniões e incentivando o processo de conscientização política da sociedade. Os burgueses deram início à produção independente de jornais e folhetins, cujo objetivo

principal estava ligado à reivindicação do acesso à política. A ampla discussão de ideias foi responsável por trazer para a esfera pública a função de legitimar as leis, estabelecendo um vínculo entre as regras ditadas pela autoridade estatal e a opinião pública.

A manutenção da vida privada realizada pela família, pelos contatos entre vizinhos, pela sociabilidade em geral, diferencia-se de maneira específica para cada camada social. Assim, a luta contra a censura e a formação da ideia de verdade fizeram com que as reivindicações feitas através da imprensa opinativa estivessem diretamente ligadas aos questionamentos da burguesia. Porém, tal abordagem não significa que as dúvidas levantadas não favoreceram outras classes. A discordância da burguesia em relação ao estado monárquico absolutista instigou o desenvolvimento político de toda a sociedade e abriu os olhos do povo sobre os benefícios trazidos pela consolidação da imprensa com livre circulação de conteúdo.

Por fim, a esfera pública burguesa é reconhecida por Habermas (2014) como um espaço protetor dos interesses públicos, mas que só aceitava a participação dos indivíduos providos de “capacidade intelectual” e poder aquisitivo. Dessa forma, anulou-se a possível participação de outras classes, o que ocasionou um ambiente propício para as predileções da burguesia. Além disso, o autor explica que esse espaço, em conjunto com a imprensa, se tornou um ambiente em que a expressão e comunicação poderiam auxiliar no processo de desenvolvimento da consciência coletiva, muitas vezes propiciando ações solidárias, libertadoras e igualitárias entre a sociedade.

1.2 Opinião pública, liberdade de imprensa e democracia

Dentro do modelo habermasiano, o cidadão que faz parte da esfera pública está ligado a opinião pública, construindo a sua opinião a partir das discussões sobre temas variados. Nesse cenário, um argumento é considerado proeminente em relação aos outros. Em vista disso, entende-se que o crescimento da consciência política dos indivíduos está diretamente ligado ao desenvolvimento da esfera pública burguesa e ao poder de influência conquistado pelos cidadãos. Desse modo, a burguesia começou a articular a sua oposição aos regimes absolutistas, tornando a opinião pública uma forma de manutenção e de cobrança para a validação de leis.

A consolidação da opinião pública cresceu em paralelo ao surgimento e ascensão da imprensa de cunho opinativo, um espaço de comunicação conhecido por ter predominância da racionalidade acerca das pautas em discussão. Desse modo, os

veículos de comunicação mostram o seu lugar de destaque dentro do poder público, fazendo com que a opinião pública predominasse perante as convicções individuais e particulares. Assim, as reivindicações contra o Estado ganharam força e tornaram-se concretas a partir do conteúdo publicado pela imprensa.

De acordo com Habermas (2014), é dentro do cenário político que acontecem as maiores manobras para a manipulação da opinião pública. Nesse contexto, as personalidades políticas aproveitam-se do cargo em exercício para dominar uma massa que está em desenvolvimento. Assim, a comunicação política se desenvolve como forma de oposição a essa tática parlamentar e antecipa os conceitos de crítica pública:

Com o jornalismo político, que o próprio Bolingbroke ajudou a criar, o *sense of the people* transforma-se no *public spirit* oposicionista ativo... Com isso, ao primeiro oposicionista no sentido da moderna tática parlamentar, vincula-se de modo notável uma peça do rousseauismo antecipando com os princípios de uma crítica pública. No *public spirit* ambos estão ainda juntos: o senso imediato não culto para o justo e correto e a articulação da opinião com juízo por meio da exposição pública de argumentos. (Habermas, 2014, p.230).

Diante disso, é perceptível que o processo de consolidação da opinião pública está diretamente ligado ao desenvolvimento da imprensa. Os jornais tornaram-se um instrumento utilizado para despertar o interesse dos cidadãos a respeito da informação, contribuindo para a construção de uma sociedade mais engajada nos assuntos do Estado. Assim, os veículos de comunicação são caracterizados como a ligação entre a criação e estruturação da esfera pública.

Ainda sobre a opinião pública, Habermas (2014) explica o surgimento de “ativismo jornalístico” por parte de partidos e organizações que apoiaram a formação da opinião pública. Em vista disso, por abordar temas de interesse geral, a imprensa esforçou-se para abrir espaço para a opinião dos indivíduos e acabou à mercê da censura, sendo muitas vezes impedida de publicar em seus veículos de comunicação críticas e pautas relevantes para a discussão social.

Com a criação de uma sociedade mais empenhada, a população, somada aos veículos de comunicação, passou a lutar pelo direito à informação. A busca pela liberdade de imprensa surge ao mesmo tempo em que os jornais começam a ser vistos como meios para a argumentação sobre os assuntos de interesse público. Sobre a publicação livre de conteúdo, Habermas (2014) explica que a exposição de ideias é extremamente

importante para a manutenção do convívio social, visto que a livre comunicação de ideias e opiniões é um dos mais preciosos direitos humanos.

A relevância das atividades realizadas pela imprensa vai além da produção de material para circulação. O papel informativo e o mecanismo desenvolvido para auxiliar na formação crítica dos indivíduos são responsáveis pela formação de um Estado democrático, fazendo com que o conceito de liberdade de imprensa e democracia andem lado a lado.

No que se refere à liberdade de imprensa, é importante lembrar que, durante o seu processo de construção, ocorreram grandes evoluções sociais. Com o advento do período pré-industrial, do capitalismo e, por fim, a consolidação dos Estados democráticos, os veículos de comunicação reconheceram-se como uma grande potência na área da informação, buscando formas de conquistar a sua independência.

Nesse contexto, é importante mencionar o olhar de Marx (1980). Em algumas das suas obras, o autor teorizou sobre o modo como a publicação de conteúdos, por meio dos veículos de comunicação, foi responsável pela união entre os indivíduos, o Estado e o mundo. Assim, a luta contra a censura mostrou-se de extrema importância para a consolidação dos governos democráticos:

A imprensa livre é o olhar onipotente do povo, a confiança personalizada do povo nele mesmo, o vínculo articulado que une o indivíduo ao Estado e ao mundo, a cultura incorporada que transforma lutas materiais em lutas intelectuais, e idealiza as suas formas brutas. É a franca confissão do povo a si mesmo, e sabemos que o poder da confissão é o de redimir. A imprensa livre é o espelho intelectual no qual o povo se vê, e a visão de si mesmo, é a primeira confissão da sabedoria. (Marx, 1980, p.60).

É importante lembrar que a liberdade de expressão está diretamente ligada ao contexto da liberdade de imprensa, pois é por meio desse primeiro direito que as ideias, opiniões e crenças podem ser expostas e discutidas para a construção dos pensamentos.

Em Portugal, a liberdade impressa dos veículos de comunicação é garantida pelo artigo 38º, que ratifica a liberdade de expressão representada no artigo 37º da Constituição da República Portuguesa. Sendo assim, todas as variações desse direito são desenvolvidas a partir dessa premissa:

A revolução restituiu aos Portugueses os direitos e liberdades fundamentais. No exercício destes direitos e liberdades, os legítimos representantes do povo

reúnem-se para elaborar uma Constituição que corresponde às aspirações do país. (Constituição da República Portuguesa, 1976).

Segundo as leis portuguesas, a livre circulação de conteúdos através da imprensa é um dos fatores responsáveis pela manutenção da democracia, reconhecendo que a tentativa de censurar os veículos de comunicação coloca em risco os governos democráticos. A legislação procura assegurar a diversidade de opiniões e a livre manifestação de pensamentos, que estão presentes na constituição do país.

No contexto brasileiro, a liberdade de imprensa é assegurada pela constituição de 1988. Os artigos 220 a 223 regulamentam os direitos e deveres impostos aos veículos de comunicação e afirmam que nenhuma espécie normativa reconhecida pelo direito brasileiro poderá instituir a censura. Mas é válido citar que ao mesmo tempo em que a censura é vedada, permitem-se algumas formas de controle, no que se diz respeito a imprensa brasileira.

Explicitando a liberdade de imprensa, o artigo 220 traz no seu tema central a explanação sobre como está assegurada a livre circulação de conteúdo:

A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição. (Constituição Federal, 1988).

Dessa forma, o primeiro e o segundo parágrafos do artigo comunicam que:

Nenhuma lei conterá dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no artigo 5º, IV, V, X, XIII e XIV... *É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística, o que demonstra a garantia constitucional que assegura a liberdade de manifestação política, ideológica e artística.* (Constituição Federal, 1988).

É notório que, para a imprensa poder cumprir o seu papel social de informar, é necessário que ela seja livre e não esteja submetida à censura. Contudo, é importante frisar que a liberdade não está ligada à publicação irresponsável de conteúdo. Como detentores do poder de informar, os veículos de comunicação assumem a responsabilidade de fornecer conteúdos verídicos, relevantes e que contribuam para a formação dos indivíduos.

Ainda nesse contexto, no que diz respeito à democracia, é possível encontrar várias definições. Mas, partindo da sua etimologia: a palavra tem origem no grego *demokratía* que é composta por *demos* (que significa povo) e *kratos* (que significa poder). Deste modo, podemos concluir que democracia é um regime político em que o povo é soberano, em que o poder conquistado é exercido através do voto. É importante lembrar que a história da política foi marcada pelas diferenças entre os desejos dos governantes e da população. Então, a conquista de um Estado democrático tornou-se um marco em relação à liberdade de expressão dos indivíduos.

No regime democrático, alguns pontos são extremamente necessários para a manutenção do governo, entre eles: liberdade de formar e aderir a organizações, respeito às minorias e busca pela equidade, liberdade de expressão, direito de voto e garantia de acesso a fontes alternativas de informação. Esses fatores são tidos como indissociáveis no que se refere a esse estilo de governo.

Por fim, nota-se que o Estado democrático foi formado a partir da consolidação da opinião pública e da luta pela liberdade de imprensa. Tais aspectos mostram que, para que se possam assegurar os direitos previstos por lei, é necessária a utilização dos veículos de comunicação como ferramentas de verificação, cobrança e informação.

1.3 O surgimento dos novos meios de comunicação e a chegada da internet

Com uma sociedade em constante evolução, a busca por avanços tecnológicos foi responsável pelo surgimento de novos meios de comunicação. Em meados da década 1930, a chegada do rádio e da televisão trouxe aos indivíduos uma sensação de proximidade, visto que a maior parte da sociedade não possuía acesso direto à informação. Segundo a pesquisa do *Our World in Data*, na década de 1940, cerca de 60% da população mundial não era alfabetizada, o que impossibilitava a leitura direta dos jornais, folhetins e publicações livres.

Nesse contexto, Barbero (1987) explica que ao mesmo tempo em que a burguesia foi responsável por popularizar o acesso à informação entre a sua classe, a mesma se esforçou para impedir a evolução das camadas sociais consideradas inferiores:

Os efeitos da industrialização capitalista sobre o quadro de vida das classes populares são visíveis. E vão mais longe do que as burguesias talvez expressassem. A teoria sobre as novas relações das massas com a sociedade

constituirá um dos pivôs fundamentais da racionalização com que se recompõe a hegemonia e se readéqua o papel de uma burguesia que, de revolucionária, passa nesse momento a controlar e frear qualquer revolução. (Barbero, 1987, p.42).

Ainda no contexto dos anos 40, a formação da cultura de massa é um movimento que possibilita a comunicação entre diferentes estratos da sociedade, sendo uma fase histórica em que o corpo social está diretamente ligado à revolução causada pelo consumo de informação. Dentro desse contexto, é possível notar que por meio do surgimento dos novos meios de comunicação acontece o processo de evolução do pensamento intelectual e a politização das classes inferiores.

Desse modo, torna-se nítido que a popularização dos veículos de comunicação foi capaz de influenciar decisivamente na formação de uma sociedade mais igualitária, visto que os indivíduos passaram a ter um acesso maior à informação, movimento que auxiliou no desenvolvimento do pensamento crítico:

A cultura de massa é a primeira a possibilitar a comunicação entre os diferentes estratos da sociedade. E dado que é impossível uma sociedade que chegue a uma completa unidade cultural, então o importante é que haja circulação. E quando existiu maior circulação cultural que na sociedade de massa? Enquanto o livro manteve e até reforçou durante muito tempo a segregação cultural entre as classes, foi o jornal que começou a possibilitar o fluxo, e o cinema, e o rádio que intensificaram o encontro. (Barbero, 1987, p.59).

Deste modo, torna-se nítido que a popularização dos veículos de comunicação foi capaz de influenciar decisivamente na formação de uma sociedade mais igualitária, visto que os indivíduos passaram a ter um acesso maior à informação, movimento que auxiliou no desenvolvimento do pensamento crítico:

Complementando esse pensamento, Barbero (1987) menciona Edward Shils (1979) Dentro desse contexto, o autor explica que a criação dessa sociedade de massa é responsável por trazer de volta o espírito de individualidade do cidadão e, além disso, percebe-se a inserção da minoria na sociedade:

A sociedade de massa suscitou e intensificou a individualidade, isto é a disponibilidade para as experiências, o florescimento de sensações e emoções, a abertura até os outros (...), liberou as capacidades morais e intelectuais dos indivíduos. Desse modo «massa» deve deixar de significar anonimato, passividade e conformismo. (Barbero, 1987, p. 58).

Diante disso, entende-se que como consequência das tecnologias da comunicação nascidas no século XX, a independência informativa proporcionada pela chegada do cinema, rádio e TV foi responsável por alterar a estrutura social formada antes do surgimento da cultura de massa. Os veículos de comunicação que começam a ser popularizados entre as décadas de 1960 e 1980 tornaram-se responsáveis por informar e entreter a sociedade. Os media passam a assumir o lugar de mediadores, tendo um papel decisivo na formação da opinião pública e modificação dos gostos pessoais:

É todo o processo de socialização o que está se transformando pela raiz ao trocar o lugar de onde se mudam os estilos de vida. Hoje essa função mediadora é realizada pelos meios de comunicação de massa. Nem a família, nem a escola - velhos redutos de ideologia - são já o espaço chave da socialização, os mentores da nova conduta são os filmes, a televisão e a publicidade, que começam transformando os modos de vestir e terminam provocando uma metamorfose dos aspectos morais mais profundos. (Barbero, 1987, p.58).

Dentro desse cenário, McLuhan (1964) começou a estudar o poder dos meios de comunicação. Percebe-se que em uma cultura habituada a encontrar formas de controle para todas as áreas sociais, se torna «normal» conseguir moldar os veículos e as mensagens transmitidas por eles. Com isso, o autor explica que as consequências sociais e pessoais geradas por qualquer meio são reflexos da influência tecnológica, transformando a modernização numa extensão social. Assim, devido à popularização dos novos meios de comunicação, a sociedade passou a assumir um lugar de fragilidade perante os medias.

Segundo a ótica de McLuhan (1964), os meios de comunicação são considerados atores significativos na reconfiguração da sociedade. Com a evolução dos tempos e a popularização desses veículos, nasce o movimento que se torna capaz de influenciar de forma direta o comportamento da psique humana. Assim, o consumo diário de notícias por meio do rádio e da televisão coloca o indivíduo no centro da manipulação, fazendo com que só seja consumido o conteúdo pré-selecionado pelos media que, na maioria das vezes, eram controlados por órgãos ou personalidades associadas aos governos.

Em sociedades letradas, nas quais a informação é absorvida em maior parte por meio do contacto visual, torna-se notável o facto de que o cidadão passa a confiar mais naquilo que vê ou ouve. Dessa forma, os veículos passam a investir em recursos

audiovisuais, confirmando a teoria de McLuhan (1964), onde o autor explica que o meio é a mensagem:

Este fato apenas serve para destacar o ponto que o “meio é a mensagem”, porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas. O conteúdo ou usos desses meios são tão diversos quanto ineficazes na estruturação da forma das associações humanas. Na verdade, não deixa de ser bastante típico que o “conteúdo” de qualquer meio nos cegue para a natureza desse mesmo meio. (p.22).

A evolução tecnológica conduz à mudança. Nesse contexto, McLuhan (1964) comprova que a partir do momento em que o sequencial cede ao simultâneo, passamos a fazer parte de um universo que passa por uma reestruturação. A partir disso, configura-se uma nova dinâmica social em que todo o processo acontece como consequência dos avanços tecnológicos. Posto isto, conclui-se que não é um exagero dizer que o futuro da sociedade moderna está ligado ao equilíbrio entre as tecnologias e os meios de comunicação:

Não é um exagero dizer que o futuro da sociedade moderna, bem como da estabilidade de sua vida interior, depende em grande parte da manutenção de um equilíbrio entre a força das técnicas de comunicação e a capacidade de reação do indivíduo. (p.35).

Em 1969, Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) dos Estados Unidos lançou o ARPANET, considerada um marco importante na história da internet, representando as noções primárias do que se tornaria o maior avanço tecnológico. Estando diretamente ligada a Guerra Fria, a criação da Internet estava voltada ao processo de auxílio de informações que favorecesse os Estados Unidos, reconhecendo o poder da comunicação e, inicialmente, o objetivo por trás do projeto não estava ligado a negócios ou entretenimento. Contudo, ao longo dos anos, os estudiosos da área perceberam o potencial de crescimento por trás dessa nova tecnologia.

Nesse cenário, o *boom* da internet ocorreu nos anos 90. A comercialização e aquisição desse recurso tornaram-se de interesse mundial, resultando grandes investimentos no setor. A criação de portais como AOL, Yahoo e Google foram os responsáveis por trazer novos sentidos para o ambiente digital, que passava então a ser visto como um espaço onde era possível encurtar distância, consumir informações, criar laços e estreitar negócios.

Contudo, mesmo com o surgimento da Internet, tornava-se necessário popularizá-la entre o público geral. O grande desafio estava ligado à aquisição de computadores e telemóveis, visto que a maior parte da população não possuía condições para os adquirir, devido ao seu alto custo. Partindo dessa perspectiva, as empresas de cunho tecnológico passaram a desenvolver produtos com preços populares, incentivando a compra e auxiliando, conseqüentemente, no processo de popularização da internet.

Segundo Castells (2003), a flexibilidade da internet chegaria para colocar em xeque algumas tendências sociais. Nota-se que o autor explana sobre o uso social, que passa a não contar com a mediação dos veículos de comunicação, sendo conhecido como o ponto principal dos novos tempos:

A elasticidade da Internet a torna particularmente suscetível a intensificar tendências contraditórias presentes em nosso mundo. Nem utopia nem distopia, a Internet é a expressão de nós mesmos através de um código de comunicação específico, que devemos compreender se quisermos mudar a nossa realidade. [...] A invenção da Internet reforça também a ideia de que a cooperação e a liberdade de informação podem ser mais propícias à inovação do que a competição e os direitos de propriedade. (p.11).

Como tal, nota-se que o mercado da comunicação passou a perceber a real liberdade proporcionada pela Internet. Em seguida, a criação dos media sociais foi um marco para a democratização da informação, causando a imersão dos indivíduos em um universo que soaria impossível décadas atrás. No mesmo momento, a popularização da multimediatização tornou ainda mais real e simultânea a troca de mensagens, fotos, vídeos, ocasionando o estreitamento dos laços entre a audiência e os meios de comunicação.

Desta maneira, a internet tornou-se um ambiente de livre circulação de conteúdo. A audiência, que antes estava ligada à passividade, passou a reagir e expor as suas opiniões sem precisar de passar pela mediação dos veículos de comunicação. Partindo disso, Eco (2011) explica que o ambiente digital é permeado por milhões de informações que, muitas vezes, podem confundir os indivíduos e causar uma espécie de amnésia informativa:

A internet não seleciona a informação. Há de tudo por lá [...]. A internet ainda é um mundo selvagem e perigoso. Tudo surge lá sem hierarquia. A imensa quantidade de coisas que circula é pior que a falta de informação. O excesso de informação provoca a amnésia. Informação demais faz mal. Quando não

lembramos o que aprendemos, ficamos parecidos com animais. Conhecer é cortar, é selecionar. (Eco, 2011, p. 45).

Num último contexto, Eco (2011) relata o perigo por trás da utilização da Internet por pessoas manipuláveis e sem consciência crítica. O autor explana a importância de saber filtrar as informações encontradas no ambiente digital, visto que a imprensa já não exerce mais o papel de filtro. Assim, quando a filtragem não é alcançada, parte da população passa a ser educada por conteúdos distorcidos, falsos e irrelevantes. Nessa situação, o teórico relembra o valor por trás do filtro mediador dos veículos de comunicação, que, apesar de tudo, fornecem notícias com alguma relevância.

1.4 A popularização das redes sociais e o seu potencial como ferramenta política

De acordo com Lima (2015, p.3), desde o seu surgimento, os media de massa mantiveram uma estreita relação com a experiência política. Primeiramente, o jornal e, posteriormente a revista, o rádio e a televisão foram estrategicamente utilizados na cena política.

Desde 2008, com o sucesso da campanha do então candidato à presidência dos Estados Unidos, Barack Obama, fortemente feita pelos media sociais na Internet, políticos e consultores de marketing político do mundo inteiro passaram a dar mais atenção ao marketing digital destinado para eleições.

Assim, com a popularização da Internet, aos poucos, as redes sociais foram ganhando força, tornando-se uma grande potência política contemporânea. Hoje, com a sua *viralização*, para muitos a proposta desses espaços mudou, fazendo com que passassem a ser considerados como um ambiente propício para fazer política de massa.

Atualmente, devemos considerar também o uso das redes sociais como uma ferramenta oriunda da comunicação estratégica. Afinal, elas atuam como aliadas na comunicação política, sobretudo na Internet:

Estamos, pois, diante de um cenário que demanda estratégias específicas para cada espaço digital, pensada no interagente, além de ser intuitiva e contar com planos que deem conta do fluxo que é gerado a partir do compartilhamento de conteúdo na ambiência da internet. (Machado, 2016, p. 57).

Assim, partindo para o contexto histórico, a primeira rede social, conhecida como *SixDegrees* foi criada nos Estados Unidos em 1997 e já possuía traços das funcionalidades que utilizamos atualmente. O espaço desenvolvido por Andrew Weinreich contava com recursos que se mantêm até hoje, como a possibilidade de criar grupos e de nos conectarmos a diferentes utilizadores.

Com o passar dos anos e a evolução da indústria digital, as plataformas clássicas como *Orkut* e *MySpace* surgiram e fizeram enorme sucesso. Mas foram abandonadas, à medida que outras redes sociais como *Facebook*, *Snapchat* e *Instagram* se popularizavam. Neste estudo, para o desenvolvimento da presente dissertação, estudaremos o Instagram como ferramenta política para a ascensão do populismo de direita, levando em conta que essa é uma rede utilizada pelos dois políticos de direita que serão analisados. Desse modo, será feita uma pequena contextualização sobre o Instagram e sua trajetória, até se tornar uma ferramenta política.

Lançada para *iPhones* em 2010, apenas em 2012 a rede social chegou ao sistema operacional *Android*. No princípio, a plataforma era voltada apenas para a partilha de imagens no *feed*. Mas, com o passar dos anos, o Instagram procurou adaptar-se e trazer novidades baseadas em recursos desenvolvidos pelas novas redes sociais já existentes e as que estavam a surgir.

Assim, podemos perceber que os *Stories*, função lançada em 2016, é inspirada nos media temporários do *Snapchat*, rede social anterior ao *Instagram*. Numa atualização mais recente (2019), houve o lançamento do *Reels*, funcionalidade que segue o formato dos vídeos curtos utilizados pelo *TikTok*. O número de funções «importadas» de outras *apps* é, inclusive, motivo de críticas por parte dos utilizadores.

Para explicar todo o processo de popularização do *Instagram*, é importante destacar também que em 2012 a rede social foi comprada pelo valor de US\$ 1 bilhão por Mark Zuckerberg. Por isso, hoje, o Instagram faz parte da Meta, empresa proprietária do *Facebook*, e recebeu algumas funções importadas da rede social vizinha, como a possibilidade de mandar mensagens para perfis do Facebook por meio da *app*.

Seguindo para a utilização do *Instagram* como ferramenta política, no que diz respeito à utilização da rede social para uso político no Brasil, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) instituiu algumas regras a serem seguidas em época eleitoral:

As regras para eleitores e candidatos não terem problemas em suas redes sociais e páginas na Internet estão na resolução 23.671/2021 do Tribunal Superior

Eleitoral (TSE), que trata da propaganda eleitoral, horário eleitoral gratuito e condutas ilícitas na campanha. Divulgar apoio está liberado, mas sem pagar para impulsionar publicações, o que só pode ser feito por candidatos, partidos políticos e coligações ou federações, com a devida identificação. (Senado Federal, 2022).

Em relação a Portugal, não foi encontrada nenhuma especificação direta relacionada com ao uso de redes sociais durante as eleições. Mas, de acordo com a Central Nacional de Eleições (CNE, 2023), é proibida qualquer tipo de manifestação passível a influenciar o eleitor no dia ou na véspera da eleição, deduzindo-se que tal instrução também se aplica às redes sociais:

É punido com pena de multa não inferior a 100 dias caso seja na véspera da eleição ou com pena de prisão até 6 meses ou pena de multa não inferior a 60 dias caso seja no dia da eleição. Esta proibição abrange toda a atividade passível de influenciar, ainda que indiretamente, os eleitores quanto ao sentido de voto, bem como a exibição, junto das mesas de voto, de símbolos, siglas, sinais, distintivos ou autocolantes de quaisquer listas. (Comissão Nacional de Eleições, 2023).

Contudo, é importante destacar que a utilização do *Instagram* como ferramenta política não acontece apenas nas épocas eleitorais - pelo contrário, essa utilização é diária e está constantemente ao nosso alcance. Afinal, a política hoje acontece de forma imprevista, num território indistinto, no qual podemos não conhecer os produtores das mensagens que nos interpelam, e ninguém controla os seus efeitos (Hepp & Hasenbrik 2018, p. 16).

Além disso, também devemos levar em conta que a pandemia do Novo Coronavírus alterou drasticamente a rotina das pessoas, seja para trabalhar, estudar ou até mesmo ir ao supermercado. Com as eleições, não aconteceu de outra maneira, por isso, os agentes políticos procuraram encontrar alternativas para estarem cada vez mais próximos dos eleitores. Assim, os políticos construíram estratégias digitais fundamentadas e segmentadas, passando efetivamente a usar as redes sociais como ferramenta política, potencializando a criação de comunidades que são caracterizadas pela similaridade de pensamentos:

Contudo, a utilização destas plataformas implica na existência dos algoritmos, pensados inicialmente com o intuito de gerar mais engajamento e aumentar o número de cliques, mas que acabaram contribuindo para a construção de bolhas

sociais - à medida que sugerem conteúdos semelhantes - segregando ainda mais pessoas que possuem opiniões. (Machado & Ronsoni, 2022, p.04).

Como tal, podemos concluir que as estratégias de comunicação eleitoral utilizadas nas redes sociais são um aglomerado de ações, a fim de convencer os eleitores a seguirem determinadas ideologias e votarem em certos candidatos - neste caso, levaremos em conta o Instagram de André Ventura (PT) com 146 mil seguidores e Jair Bolsonaro (BR), com 25,3 milhões.

Deve destacar-se que as estratégias utilizadas nessa rede social são definidas, levando em conta uma multiplicidade de fatores: adequação à legislação vigente, contexto político, económico e social e, sobretudo, os perfis dos candidatos e suas propostas junto aos eleitores. Afinal, para que o cidadão se sinta parte dessa comunidade, a ideologia política representada deve estar bem definida, fazendo com que o mesmo se sinta parte daquele espaço.

Capítulo 2 – A construção da democracia como ferramenta para uma sociedade igualitária

A formação da democracia moderna é um tema complexo e multifacetado, com raízes em várias correntes de pensamento, filosofias políticas e estudos comunicacionais ao longo da história. Mas, aqui, estudaremos a democracia citada no famoso discurso do ex-presidente americano Abraham Lincoln (1863): “do povo, para o povo e pelo povo”. Nessa perspectiva, torna-se possível enxergar tal regime político como uma ferramenta de luta para a construção de uma sociedade igualitária, que é feita e mantida para favorecer todas as classes sociais.

Assim, ao voltar no tempo, podemos perceber que outros grandes pensadores também teorizavam a democracia como um governo de todos. De acordo com Aristóteles (CL 384ac), “a democracia surgiu quando, devido ao fato de que todos são iguais em certo sentido, acreditou-se que todos fossem absolutamente iguais entre si”. Por isso, baseado nos artigos 1, 2 e 7 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), a autora deste trabalho delimitou três tópicos que visam nortear o estudo da democracia em conjunto com a comunicação, dentro da presente dissertação:

1 - Participação popular: O regime democrático permite a participação ativa e significativa dos cidadãos na tomada de decisões políticas. Assim, os indivíduos possuem o direito de expressar suas opiniões, votar em eleições, participar de assembleias e manifestações, e influenciar as políticas públicas. Tal participação popular pode levar a uma distribuição mais equitativa do poder e evitar que um grupo seletivo detenha todo o poder político e econômico, contribuindo assim para uma sociedade mais igualitária.

2 - Proteção dos direitos individuais e coletivos: Assim como os Direitos Humanos, a democracia assegura a proteção dos direitos individuais e coletivos, como a liberdade de expressão, de imprensa, de associação e de manifestação. Essas proteções garantem que todos os membros da sociedade tenham igualdade de oportunidades para expressar suas opiniões, defender seus interesses e lutar por mudanças sociais. Além disso, tal proteção mostra-se ainda mais importante para grupos historicamente marginalizados, como minorias étnicas, mulheres, pessoas

LGBTQIA+ e pessoas com deficiência, que frequentemente enfrentam desigualdades estruturais.

3- Acesso à informação e transparência: A democracia, muitas vezes, promove a transparência e o acesso à informação por parte do governo, permitindo que os cidadãos estejam informados sobre as políticas e ações governamentais. Nessa perspectiva, torna-se possível que a população participe de forma mais ativa e informada no processo político, exercendo pressão por mudanças e atuando no combate à corrupção. Além disso, o acesso à informação e a transparência podem ser poderosas ferramentas para promover a igualdade, pois permitem que os cidadãos tenham acesso igualitário a informações relevantes para o processo político e tomada de decisões.

Complementando a fundamentação teórica deste capítulo, será abordada a importância da comunicação para a manutenção dos regimes democráticos, não absorvendo apenas a parte política, mas também analisando por que a comunicação é considerada um pilar fundamental para a manutenção da democracia. Afinal, a mesma permite o acesso à informação, o debate e a deliberação informada, a responsabilização dos governantes, a participação cívica e o respeito à diversidade.

De forma conjunta, torna-se possível constatar que uma comunicação livre, transparente e inclusiva é essencial para a formação de uma democracia saudável e para a promoção de uma sociedade mais igualitária. Por isso, nos próximos tópicos do presente capítulo, a temática será aprofundada, unindo ambas as perspectivas: política e comunicacional.

2.1 A origem da democracia

A história da democracia nos leva à antiguidade, com várias formas de governos democráticos surgindo em diferentes culturas e civilizações ao longo dos séculos. Mas, é importante destacar que o surgimento da democracia, está ligado ao início do conceito de cidadania. Assim, podemos dizer que o termo “cidadania” originou-se a partir do surgimento das cidades antigas. Mas adquiriu forma e representatividade ao decorrer da consolidação da sua nova organização, ou seja, da transformação destes “espaços” em “pólis”- no grego -, ou “civitas”- no latim -, significando Cidade-Estado.

Nessa perspectiva, as “novas cidades” passaram a possuir uma organização político-administrativa autônoma, com território, constituição, cidadãos (povo) e governo

próprio” (Pinto, 2006, p.210). Aqui, constata-se que apenas depois da consolidação do conceito de cidades, os residentes de Atenas passaram a ser chamados de cidadãos, mais precisamente cidadãos atenienses. De acordo com Goldhill (1986), “a estrutura cívica ideológica de Atenas manifestava-se nas obras apresentadas, que punham em pauta o que é ser cidadão” (p. 57).

Posto isso, podemos afirmar que a democracia moderna, como é conhecida hoje, possui origem na Grécia Antiga, especificamente em Atenas, no século V a.C. Afinal, Atenas é considerada uma das cidades mais importantes para a construção do regime democrático moderno. A democracia, como uma forma de governo em que o poder é exercido pelo povo, teve suas origens nessa cidade, que se tornou um centro cultural, político e filosófico.

Em Atenas, a democracia era uma forma de governo direto, onde os cidadãos participavam ativamente das decisões políticas e tinham o direito de votar nas assembleias populares. Mas, é importante recordar que apenas homens adultos e livres - uma restrita parcela da população - eram considerados como cidadãos. Deste modo, mulheres, escravos e estrangeiros não possuíam direitos políticos dentro da democracia ateniense:

O funcionamento político da democracia ateniense era pautado na posse da cidadania, que normalmente era adquirida pelo nascimento, raramente concedida. Ser cidadão nesta *pólis* era ser homem, livre, nascido em Atenas, filho de pai e mãe ateniense, ser reconhecido pela *phratría* de seu pai, inscrito nos registros cívicos (*dêmos*) e cumprir as obrigações militares (isto é, ser um cidadão-soldado), independentemente do nível de riqueza. À vista disso, estavam excluídos da participação política mulheres, escravos, crianças e estrangeiros domiciliados (*metoikói*). (Silva, 2017, p.45).

Hoje, podemos afirmar que apesar de o regime democrático ter sido iniciado de forma limitante, desfavorecendo a manutenção deste sistema político, com o tempo, a evolução da democracia em Atenas tornou-se um marco importante na história governamental, influenciando o desenvolvimento de sistemas democráticos posteriores:

Atenas foi uma *pólis* que vivenciou diversas modalidades de governo ao longo de sua história na Antiguidade. De aristocracias a tiranias, a “chegada da democracia” deu-se apenas em finais do século V a.C., trazendo uma série de mudanças no contexto político e social dos atenienses, como o

comprometimento com a coletividade, a igualdade perante a lei, o gosto pelo debate e, acima de tudo, a liberdade. (Silva, 2017, p.43).

Após o período clássico da democracia ateniense, a democracia direta ocorreu em muitos lugares e foi substituída por *outras* formas de governo ao longo da história. No entanto, os ideais democráticos continuaram a se desenvolver e se restringir em diferentes sociedades e culturas em todo o mundo. Assim, a democracia evoluiu em várias formas, incluindo a democracia representativa, que é a vertente utilizada pelo Brasil e Portugal, na qual os cidadãos elegem representantes para tomar decisões em seu nome.

Ao decorrer do tempo e do desenvolvimento dos estudos sobre a origem da democracia, dois filósofos importantes contribuíram para a teorização e o desenvolvimento deste regime: John Locke e Jean-Jacques Rousseau. Apesar de possuírem visões distintas sobre a democracia e suas origens, ambos realizaram considerações significativas para a compreensão do conceito e evolução da democracia como a conhecemos hoje. Afinal, ambos se debruçaram sobre o conceito de “contrato social”:

O contrato social é fundamentado em um pacto convencional, por meio do qual os cidadãos, em condições justas, abrem mão de seus direitos individuais e consentem com o poder de uma autoridade na qual depositam confiança. (Vilalba, 2013, p.63).

Locke (1973), filósofo inglês do século XVII, é considerado como um dos principais defensores do liberalismo clássico, e suas ideias tiveram uma influência significativa na formação do pensamento político ocidental. Locke acreditava que a democracia era baseada na proteção dos direitos naturais do indivíduo, como vida, liberdade e propriedade. Assim, ele argumentava que o governo tinha a responsabilidade de proteger esses direitos e que o poder político deveria ser limitado e justificado pelo consentimento dos governados:

O estado de natureza tem uma lei de natureza para governá-lo, que a todos obriga; e a razão, é que essa lei, ensina a todos os homens que tão só a consultem, sendo todos iguais e independentes, que nenhum deles deve prejudicar a outrem na vida, na saúde, na liberdade ou nas posses (p.42).

Além disso, para Locke (1973), a formação da democracia estava enraizada no contrato social, uma ideia em que os indivíduos, em estado de natureza, voluntariamente

consentem em criar um governo para proteger seus direitos. O autor acreditava que a legitimidade do governo dependia do consentimento dos governados e que os cidadãos tinham o direito de resistir a um governo que violasse seus direitos naturais.

A visão de Locke sobre a democracia enfatizava a proteção dos direitos individuais, a limitação do poder do governo e a importância do consentimento dos governados na formação de um governo legítimo:

Se o legislativo ou qualquer parte dele compõe-se de representantes escolhidos pelo povo para esse período, os quais voltam depois para o estado ordinário de súditos e só podendo tomar parte do legislativo mediante nova escolha, este poder de escolher também será exercido pelo povo. (p.101).

Por outro lado, Rousseau (1973), filósofo francês do século XVIII, tinha uma visão mais coletivista e comunitarista da democracia. Rousseau debatia que a verdadeira democracia era aquela em que o poder político era exercido pelo povo como um todo, em vez de ser delegado a representantes eleitos. O autor argumentava que a formação da democracia estava enraizada no contrato social, no qual os indivíduos se uniam em uma comunidade política e exerciam sua vontade geral para o bem comum:

Encontrar uma forma de associação que defenda e proteja contra toda força comum, a pessoa e os bens de cada associado e pela qual cada um, unindo-se a todos, apenas obedeça a si próprio, e se conserve tão livre quanto antes. (p.32).

Nessa perspectiva, Rousseau (1985) enfatizava a importância da igualdade e da participação ativa dos cidadãos na tomada de decisões políticas, argumentando que a democracia verdadeira só poderia ser alcançada quando os cidadãos participassem diretamente na formulação de leis e políticas, em vez de serem meros espectadores passivos. Para Rousseau, a formação da democracia exigia um alto nível de engajamento cívico e uma genuína vontade de promover o bem comum em vez de interesses egoístas:

Unamo-nos, disse-lhes, para livrar os fracos da opressão, conter os ambiciosos, e assegurar a cada um a posse daquilo que lhe pertence; instituímos regulamentos de justiça e paz, aos quais sejam obrigados a conformar-se, que não façam acepção de pessoas, e que de alguma maneira reparem os caprichos, da fortuna, submetendo igualmente o poderoso e o fraco aos mesmos deveres. (p.99).

Rousseau (1985) continua a discorrer que, para a adoção de uma democracia direta, torna-se necessária a união dos cidadãos. O estudioso afirma que:

Em uma palavra, em vez de voltar nossas forças contra nós mesmos, reunamo-las em um poder supremo que governe segundo sábias leis, que proteja e defenda todos os membros da associação, afaste os inimigos comuns e nos mantenha numa eterna concórdia. (p.99).

As visões de Locke (1973) e de Rousseau (1973, 1985) sobre a formação da democracia diferem em muitos aspectos. Enquanto Locke enfatizava a proteção dos direitos individuais, a limitação do poder do governo e o consentimento dos governados, Rousseau destacava a importância da igualdade, da participação direta dos cidadãos e da vontade geral da comunidade. No entanto, ambos concordavam na importância do contrato social como fundamento para a formação da democracia.

Por fim, é importante destacar que a democracia moderna que conhecemos hoje tem suas raízes na Revolução Francesa, no final do século XVIII, tendo como norte o pensamento de Locke (1973) e Rousseau (1973, 1985). Além disso, também se inspirou na Revolução Americana, com a Declaração de Independência dos Estados Unidos em 1776 e a Constituição dos Estados Unidos em 1787, que estabeleceram os princípios de governo democrático, garantindo direitos e liberdades individuais. Desde então, a democracia se tornou um dos sistemas de governo mais difundidos e adotados em todo o mundo, embora possa ser implementada de várias formas e com diferentes graus de participação e representação.

2.2 A internet e o surgimento da democracia digital

Hoje, é possível dizer que a internet tem desempenhado um papel significativo no desenvolvimento do que é conhecido como democracia digital. Afinal, a democracia digital refere-se ao uso da tecnologia da informação e comunicação, especialmente a internet e as redes sociais, para promover a participação cidadã, a transparência governamental, a prestação de contas e facilitar a tomada de decisões políticas.

Mas para que a democracia chegasse ao universo digital, mostrou-se necessária uma mudança em outro aspecto da política: a esfera pública. Ou seja, a esfera pública, teorizada anteriormente por Habermas (2014) agora, seria modificada com a chegada da internet, sendo conhecida como “a nova esfera pública”.

Nessa perspectiva, podemos perceber que a nova esfera pública e a democracia digital estão intrinsecamente ligadas, pois a emergência da Internet e das tecnologias digitais possibilitou a criação de novos espaços públicos de debate e participação política.

De acordo com Aggio (2014), a nova esfera pública é um espaço que se desenvolveu a partir da popularização da Internet, permitindo que os cidadãos se envolvam em debates e discussões públicas, de forma mais ampla e participativa (p.94). Assim, esse espaço é caracterizado por uma maior horizontalidade e diversidade, possibilitando que mais vozes sejam ouvidas e que a participação cívica seja ampliada:

A nova esfera pública é o espaço público que emerge com as tecnologias digitais e que permite a intervenção da participação dos cidadãos nas decisões políticas. (...) As tecnologias digitais promovem uma maior participação cívica e uma manifestação da diversidade de vozes na esfera pública, rompendo a lógica da verticalidade e da exclusão que caracterizava a esfera pública tradicional. (p. 96).

Complementando, o autor argumenta que a Internet e as redes sociais transformaram a forma como as pessoas se envolvem com a política e a esfera pública, permitindo que elas se organizem e participem de movimentos sociais, petições online e debates políticos por meio de plataformas digitais. Segundo Aggio (2014), “a Internet e as tecnologias digitais ampliam a possibilidade de diálogo entre os cidadãos e criam novas formas de engajamento político, que não se restringe aos espaços institucionais tradicionais” (p. 96).

Em uma perspectiva similar, Lévy (1999) também estuda o conceito de nova esfera pública. Para ele, a nova esfera pública é caracterizada pela emergência de novas formas de interação e de produção de conhecimento que são possíveis graças à Internet e às tecnologias digitais. De acordo com Lévy, a nova esfera pública é uma rede global de comunicação que permite a participação cidadã em uma escala jamais vista antes na história. Ele afirma que “a nova esfera pública é uma rede planetária de comunicação interativa, uma esfera pública autônoma, que não depende dos meios de comunicação de massa tradicionais, mas sim da interconexão eletrônica das pessoas e das máquinas”(p. 20).

Assim, para Lévy (2014), a nova esfera pública é um espaço de criação coletiva, de discussão e de tomada de decisão, sendo aberta e inclusiva. Nela, os cidadãos podem exercer a cidadania digital por meio de diversas formas de engajamento, como a produção de conteúdo, a criação de grupos de discussão, a participação em fóruns e debates, entre outros (p.20).

No entanto, Lévy (2014) também alerta para a necessidade de que a nova esfera pública seja protegida contra os riscos de manipulação e de concentração de poder. O autor destaca que a defesa da liberdade de expressão e do acesso universal à informação são fundamentais para garantir a pluralidade e a diversidade de opiniões na nova esfera pública:

A nova esfera pública digital é um espaço de comunicação livre e aberto, que oferece múltiplas possibilidades de participação e colaboração. No entanto, ela também é tolerante à manipulação e ao controle, seja por parte do Estado, das grandes empresas ou de grupos de interesse. Por isso, é fundamental que vivenciem políticas e práticas que visem a proteção da liberdade de expressão, da privacidade e da diversidade na nova esfera pública. (p. 21).

A partir da presente contextualização, torna-se possível entender que ao mesmo tempo em que a nova esfera pública surgia, a democracia digital estava sendo formada. Assim, torna-se impossível separar ambos os movimentos políticos. Mas, para a construção da presente dissertação, a democracia digital será destacada, visto que o seu conceito fundamentará uma das partes metodológicas utilizadas para a análise comparativa que será realizada posteriormente.

Nesse sentido, a democracia digital pode ser entendida como a utilização das novas tecnologias para promover a participação cidadã e o engajamento político. Para Gomes (2018), a democracia digital pode ser definida como "o conjunto de processos políticos, institucionais e culturais que articulam as tecnologias digitais ao exercício da cidadania e ao fortalecimento das instituições democráticas" (p. 51).

Aprofundando o tema, Gomes (2018) agrupou os seus estudos no livro *Democracia Digital: Redes, Conflitos e Comunicação Política*. Nessa obra, o autor argumenta que a democracia digital é um fenômeno complexo e em constante evolução, que pode ter efeitos tanto positivos quanto negativos na sociedade. Gomes destaca três conceitos principais para que se torne possível entender a amplitude da democracia digital:

Redes: O autor enfatiza que as redes são peças fundamentais para a democracia digital. Afinal, as redes sociais online e outras plataformas digitais criam espaços de comunicação e interação que podem ser usados para garantia política, participação cívica e engajamento dos cidadãos. No entanto, as redes também podem ampliar a disseminação de informações falsas, criar bolhas de filtro que reforçam visões do mundo limitadas e ser palco de conflitos e polarização.

Conflitos: A partir dos seus estudos, o autor argumenta que os conflitos são inerentes à democracia digital. As diferenças de opiniões, valores e interesses podem se manifestar de forma intensa nas redes sociais e em outras plataformas digitais, levando a debates acalorados, confrontos e até mesmo a disseminação de discursos de ódio. Além disso, destaca que é importante compreender e lidar com os conflitos na esfera digital, buscando formas construtivas de diálogo e participação.

Comunicação política: Para Gomes (2018), a comunicação política desempenha um papel central na democracia digital, pois através das tecnologias digitais, os cidadãos podem se expressar, acessar informações e se envolver em debates políticos de maneiras antes inimagináveis. No entanto, a comunicação política na era digital também pode ser manipulada por atores mal-intencionados, minando a confiança na democracia e na mídia.

Além disso, é necessário abordar que a democracia digital possui várias características distintas. Uma delas é a participação cidadã online, que permite aos cidadãos expressarem suas opiniões, compartilharem informações, debaterem questões políticas e participarem de processos de tomada de decisão por meio de plataformas online, redes sociais e outros canais digitais:

A participação cidadã online tem como premissa a criação de espaços digitais de discussão, deliberação e engajamento que pode potencializar a participação dos cidadãos na vida política. Ela supõe a abertura de canais de diálogo entre sociedade e Estado, a construção de negociação de consulta popular e a expansão da transparência e da *accountability*” (GOMES, 2019, p. 78).

Outra característica importante da democracia digital é a transparência governamental, na qual os governos disponibilizam informações e dados de forma aberta e acessível na Internet, permitindo que os cidadãos monitorem as atividades governamentais e responsabilizem os representantes eleitos por suas ações.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que dentro do contexto da democracia digital, as redes de comunicação digital possuem um papel central na organização da sociedade e na formação de identidades sociais, políticas e culturais. Castells (2013), descreve a emergência de uma "sociedade em rede", na qual as tecnologias de comunicação têm um papel central na forma como as pessoas se relacionam, se informam, se mobilizam e participam na esfera pública (p.120).

Ainda de acordo com Castells (2013):

A democracia digital é um processo de democratização da comunicação baseada na tecnologia digital. Ela se expressa em múltiplas formas de interatividade, comunicação, intercâmbio, e engajamento dos cidadãos, e em novas formas de participação na vida política, social e cultural". (Castells, 2013, p. 122).

Para Castells (2013), a democracia digital é um fenômeno complexo e em constante evolução, com potencialidades e desafios. O autor destaca a importância da participação cívica nas redes digitais, permitindo que os cidadãos se engajem em debates políticos e expressem suas opiniões e demandas. No entanto, Castells também ressalta a necessidade de garantir a inclusão digital e combater a desigualdade no acesso às tecnologias, a fim de evitar a exclusão de certos grupos sociais:

A democratização da comunicação na era digital depende da capacidade de todos os cidadãos terem acesso às tecnologias da informação e comunicação. A inclusão digital é, portanto, uma condição indispensável para a construção da democracia digital. (p. 118).

No mais, a democracia digital também possui impacto na mobilização social e no ativismo político. Por meio das redes sociais e outras plataformas digitais, os cidadãos podem se organizar, compartilhar informações, criar campanhas online e mobilizar-se em torno de causas políticas e sociais:

As redes digitais têm propiciado novas formas de mobilização social e ativismo político, que se baseiam na capacidade de agir em rede, de forma descentralizada e horizontal, e que desafiam a lógica hierárquica e centralizada do poder político tradicional. (Gomes, 2019, p.102).

É importante observar que a democracia digital também enfrenta desafios e questões complexas, como a disseminação de informações falsas, a privacidade de dados, a desigualdade digital e a concentração de poder nas grandes plataformas digitais. Assim, torna-se necessário um equilíbrio entre o uso da tecnologia para promover a democracia e a proteção dos direitos e valores democráticos.

Apesar disso, a nova esfera pública e a democracia digital representam uma transformação significativa na esfera pública e na democracia, permitindo uma maior participação cívica e diversidade de vozes. No entanto, é necessário refletir sobre os desafios e limites dessa evolução, para que se possa avançar em direção a uma democracia mais inclusiva e participativa.

2.3 Os ataques “democráticos” contra a própria democracia

Atualmente, o debate sobre os ataques “democráticos” contra a própria democracia é estudado em grande escala. Afinal, como poderia ser possível o próprio regime democrático atuar contra si mesmo? Sendo um fenômeno preocupante e cada vez mais frequente, tais ataques representam uma ameaça à estabilidade e ao funcionamento das instituições democráticas e à proteção dos direitos e liberdades dos cidadãos. Grygiel (2021) ressalta que “os ataques à democracia, seja por líderes autoritários, grupos radicais ou potências estrangeiras, são uma ameaça ao funcionamento direto e à estabilidade das instituições democráticas, e comprometem a proteção dos direitos e liberdades dos cidadãos” (p. 23).

Nessa perspectiva, os ataques democráticos podem ser definidos como ações que visam minar, fragilizar ou destruir as instituições democráticas e os valores que sustentam a democracia, tais como o respeito pelos direitos humanos, a liberdade de expressão, a separação dos poderes e a proteção dos direitos das minorias. Esses ataques podem ser realizados por atores internos ou externos ao sistema democrático, como governantes autoritários, grupos radicais, organizações criminosas ou potências estrangeiras: “Os ataques à democracia não partem apenas de líderes autoritários ou governamentais opressivos. Eles podem ser promovidos por atores internos e externos ao sistema democrático, incluindo grupos radicais, organizações criminosas e potências estrangeiras” (Levitsky e Ziblatt, 2018, p. 2).

Após a conceituação de tais atos, torna-se possível reconhecer que os mesmos podem assumir diversas formas, que vão desde a violação da liberdade de imprensa, a manipulação do sistema eleitoral, a corrupção dos poderes executivo, legislativo ou judiciário e a repressão violenta de protestos populares, entre outras.

Outro ponto a respeito deste tópico é o comprometimento da confiança dos cidadãos nas instituições e nos processos democráticos. Afinal, tais ataques enfraquecem a capacidade do Estado de garantir a segurança e o bem-estar dos cidadãos e abrem espaço para o autoritarismo e a violência política. Em seus estudos em 2018, Inglehart e Welzel destacaram que “os ataques à democracia, quando bem-sucedidos, geraram um sentimento generalizado de desesperança e apatia política, levando à desmobilização dos cidadãos e à perda de confiança nas instituições democráticas” (p. 67).

Complementando, Inglehart e Welzel (2018) afirmam que:

A percepção dos cidadãos de que o sistema político é corrupto, ineficiente ou incapaz de lidar com seus problemas é um fator chave para a inclusão de ataques à democracia. Quando as instituições democráticas falham em fornecer serviços básicos e em representar os interesses da população, abrem-se brechas para a ascensão de líderes autoritários ou populistas que prometem soluções fáceis para problemas complexos. democráticos. (p.68).

Dentro desse universo, percebe-se que a participação de líderes de direita nos ataques contra a democracia tem crescido em diversos países. Inclusive, a presente dissertação foi inspirada nesse fenômeno que tem afetado o Brasil e Portugal. Isso posto, muitos desses líderes têm se valido de estratégias autoritárias, como a utilização de discurso de ódio, a manipulação de informações e os ataques às instituições democráticas, a fim de consolidar seu poder e minar as liberdades civis e políticas da população:

Os líderes políticos da direita muitas vezes se envolvem em ataques à democracia, aproveitando-se do descontentamento popular com o sistema político e a economia para apresentar soluções simplistas e populistas. nas instituições democráticas e ameaçando a estabilidade do regime. (Mudde, 2016, p.3).

Os líderes populistas de direita boicotam a democracia por meio de ações como a restrição do direito de livre expressão, a limitação do papel da mídia e do sistema judicial, a promoção de políticas anti-imigração e a utilização de medidas de exceção para suprimir opositores. Nessa conjuntura, as ações tomadas por tais líderes enfraquecem a integridade das instituições democráticas e limitam a capacidade da sociedade civil de fiscalizar e responsabilizar seus líderes:

Os líderes políticos de direita muitas vezes buscam minar a democracia por meio de restrições à liberdade de expressão e de imprensa, restritos ao poder do Judiciário e à promoção de políticas anti-imigração. Eles frequentemente atacam as instituições democráticas e seus valores, apresentando-se como defensores nacionais e populares contra elites corruptas e interesses estrangeiros (Levitsky & Ziblatt, 2018, p. 31).

Além disso, os líderes de direita têm sido frequentemente associados à violência política, incluindo ações como a repressão violenta de protestos populares e a

promoção de discursos de ódio contra minorias étnicas, religiosas e sexuais. Essas práticas podem levar a uma penetração ainda maior dos valores democráticos e um ambiente político cada vez mais polarizado e conflituoso.

Agora, com um olhar direcionado aos líderes que serão analisados dentro da presente dissertação, é possível afirmar que ambos promovem ataques democráticos dentro da própria democracia, utilizando todos os argumentos citados anteriormente. Assim, a parte final deste capítulo será dedicada a análise dos ataques cometidos e incentivados por Jair Bolsonaro e André Ventura.

Dentro do contexto brasileiro, o ex-presidente Jair Bolsonaro (2018 – 2022), filiado ao Partido Liberal (PL), é duramente criticado por suas ações e declarações que ameaçam a estabilidade democrática no Brasil. Em particular, o mesmo tem sido acusado de boicotar a liberdade de imprensa, pregar políticas que visam limitar a independência do Judiciário e promover políticas que discriminam minorias e violam os direitos humanos das minorias.

Bolsonaro é conhecido por atacar jornalistas e meios de comunicação que são críticos aos seus ideais, acusando-os de darem "notícias falsas" e ameaçando tomar medidas legais contra os veículos de comunicação. Durante o seu mandato presidencial (2018 – 2022), o ex-presidente também forçou mudanças na estrutura do sistema judiciário, buscando nomear juízes que permaneçam ligados a ele e criticando publicamente decisões judiciais que foram contra seus interesses: “O presidente Jair Bolsonaro e seus apoiadores têm atacado a imprensa, usando discursos inflamados e emocionados infundados de *fake news* para minar a confiança dos veículos de comunicação e deslegitimar seu papel como fiscalizadores do poder público. (Andrade et al, 2019, p.54)

Além disso, Bolsonaro promove políticas que discriminam minorias, incluindo os povos indígenas e a comunidade LGBTQIA+. Outro ponto crítico é o seu histórico de defesa da ditadura militar no Brasil, bem como sua atitude negacionista em relação à pandemia de COVID-19.

Tais ações são preocupantes, uma vez que enfraquecem a democracia e colocam em risco os direitos e liberdades civis dos cidadãos. Ao minar a liberdade de imprensa e a independência do Judiciário, Bolsonaro compromete a separação de poderes e a proteção contra a tirania do governo. Além disso, suas políticas discriminatórias e negacionistas prejudicam a coesão social e minam a igualdade de direitos:

O governo Bolsonaro representa uma ameaça à democracia brasileira, com uma série de medidas que visam minar as instituições e os direitos civis, como a

desvalorização do meio ambiente, a repressão aos movimentos sociais e segurança das liberdades individuais" (Ribeiro et al, 2019, p.82).

Na perspectiva portuguesa, André Ventura, filiado ao partido Chega, é criticado por suas ações e declarações que visam desestabilizar a democracia em Portugal, em particular, por suas posições anti-imigração, suas declarações racistas e xenófobas e sua falta de respeito pelos direitos humanos.

Ventura reforça e promove políticas anti-imigração e anti-refugiados, bem como uma retórica xenófoba e discriminatória. Além disso, é criticado por suas declarações em relação aos ciganos, afirmando que "são uma praga, defendendo a sua segregação. O político português também se posiciona contra a população negra, afirmando que "não há racismo em Portugal" e negando a existência de desigualdades raciais:

André Ventura é conhecido por suas declarações xenófobas e anti-imigração, que incluem a proposta de retenção do uso do véu islâmico e a defesa da expulsão de imigrantes ilegais do país. Tais posturas são preocupantes, pois reforçam estereótipos negativos e ameaçam os direitos humanos e a coexistência entre os povos. (Lopes, & Paulo, 2021).

O político do Chega demonstra falta de respeito pelos direitos humanos, tendo defendido a tortura como forma de combate ao crime, fazendo declarações a favor da pena de morte. Ele também faz críticas em relação à imprensa e à liberdade de expressão, acusando a mídia de persegui-lo e difamá-lo.

Nesse contexto, as ações e declarações de Ventura ameaçam à proteção dos direitos e liberdades civis dos cidadãos. Ao promover políticas discriminatórias e negar a existência de desigualdades raciais, o líder de extrema direita contribui para a divisão social e a exclusão de minorias. Além disso, ao defender a tortura e a pena de morte, ele viola os princípios fundamentais de respeito aos direitos humanos e à dignidade humana:

Os ataques de André Ventura às instituições democráticas, como a Assembleia da República e o próprio sistema eleitoral, representam uma ameaça ao Estado de Direito e aos valores democráticos em Portugal. Além disso, suas posturas extremistas e populistas têm o potencial de polarizar a sociedade e gerar tensão que pode comprometer a estabilidade política e social do país. (Pereira & Moreira, 2021, p.3)

Dessa forma, é importante que a sociedade esteja atenta aos riscos apresentados pelos líderes de direita que desrespeitam a democracia e suas instituições. A defesa da democracia deve ser uma prioridade para todos, a fim de garantir a proteção dos direitos e liberdades fundamentais dos cidadãos e a manutenção de um ambiente político saudável e pluralista.

É fundamental adotar medidas efetivas para combater os ataques democráticos. As medidas podem incluir o fortalecimento das instituições democráticas, o aprimoramento dos sistemas de controle e transparência, a promoção da educação cívica e política, a proteção dos direitos humanos e da liberdade de expressão e a cooperação internacional para prevenir a interferência estrangeira nos processos políticos internos.

Em suma, os ataques democráticos representam uma grave ameaça à estabilidade e ao funcionamento das instituições democráticas e aos valores que sustentam a democracia, sendo necessário enfrentar esse desafio com autoridade e compromisso, adotando medidas concretas para proteger e fortalecer as instituições e valores democráticos.

Capítulo 3 – O populismo de direita e a participação política em sociedades democráticas

Atualmente, o populismo de direita tem sido um tema recorrente nas discussões sobre política contemporânea em sociedades democráticas. Em conjunto com essa dinâmica, outro tema surge concomitante: a participação política. Assim, torna-se necessário entender o modo como tais temáticas estão ligadas, tendo em vista que a participação política é fundamental para a manutenção da democracia e, por isso, é diretamente afetada pelo crescimento do populismo de direita.

De forma introdutória, podemos dizer que o populismo de direita é um fenômeno político que se caracteriza pela utilização de discursos e práticas que apelam para as emoções, principalmente o medo e a indignação, com o objetivo de mobilizar e conquistar o apoio popular. O populismo de direita também é caracterizado pelo apelo a valores conservadores, como a defesa da tradição, da família e da nação (Mudde, 2017, p.3).

Assim, com o surgimento de líderes políticos populistas de direita em vários regimes democráticos, a participação política tem sido atingida de diferentes maneiras. Alguns argumentam que o populismo de direita pode ter um efeito mobilizador nas pessoas, fazendo-as se envolverem mais na política e se oporem às políticas do governo. No entanto, outros argumentam que o populismo de direita pode ter um impacto negativo na participação política, pois os líderes populistas enfatizam a importância de sua liderança e minimizam a importância da participação popular na tomada de decisões.

Segundo Taggart (2004), os líderes populistas de direita geralmente são autoritários e tendem a adotar uma postura *anti-establishment*, apresentando-se como os únicos capazes de resolver os problemas do país, combatendo as elites políticas e econômicas. Nos países analisados na presente dissertação - Brasil e Portugal - esse tipo de populismo é associado ao aumento do nacionalismo e da xenofobia, bem como à redução da tolerância em relação a minorias étnicas e religiosas.

Complementando, o populismo de direita, muitas vezes é caracterizado pelo apelo aos valores conservadores, como a defesa da tradição, da família e da nação, que podem estar em conflito com a igualdade de direitos e a inclusão social.

Assim, torna-se possível afirmar que a participação política é essencial para a manutenção das sociedades democráticas, podendo manifestar-se de diversas formas, como por meio do voto, da filiação a partidos políticos, da participação em movimentos sociais e da expressão de opiniões em espaços públicos. Verba et al (1995) afirmam que “a participação política é importante para garantir a representatividade e a legitimidade dos governantes, bem como para promover a inclusão social e a defesa dos direitos humanos” (p.2).

As principais interferências do populismo de direita na participação política em sociedades democráticas ocorrem porque os líderes populistas tendem a exagerar a respeito da importância da sua liderança e relativizar a participação popular. Além disso, tais líderes pregam a favor da deslegitimação das instituições democráticas, como se fossem as únicas pessoas capazes de solucionar os dilemas do seu país:

Os líderes populistas tendem a enfatizar a importância da sua liderança e minimizar a importância da participação popular na tomada de decisões. Eles também podem deslegitimar as instituições democráticas, apresentando-se como os únicos capazes de resolver os problemas do país e atacando as elites políticas e econômicas" (Moffitt, 2016, p. 3).

Além disso, o populismo de direita interfere de forma significativa no aumento da polarização política, o que pode afastar as pessoas da participação política. Afinal, quando o cidadão se encontra em meio a uma multidão de opiniões discordantes, sente-se intimidado e acaba mantendo-se distante da bolha social formada pelos apoiadores dos líderes populistas de direita.

É importante notar que o impacto do populismo de direita na participação política pode variar de acordo com o contexto político e social de cada país. Afinal, "a participação política é um meio importante para a promoção da igualdade política e da inclusão social, uma vez que amplia as vozes e perspectivas no processo político" (Verba et al., 1995, p.2).

No mesmo contexto, Mudde e Kaltwasser (2017) afirmam que, "em algumas sociedades democráticas, o populismo de direita pode ter um efeito mobilizador, levando as pessoas a se envolverem mais na política e a se oporem às políticas do governo" (p. 14).

Em suma, o populismo de direita pode ter um impacto negativo na participação política em sociedades democráticas, ao enfatizar a liderança de um líder carismático em detrimento da participação popular e ao promover o nacionalismo e a xenofobia. No entanto, o impacto desse fenômeno pode variar de acordo com o contexto político e social de cada país. É importante que as sociedades democráticas estejam atentas ao populismo de direita e promovam a participação política inclusiva e a defesa dos direitos humanos como elementos fundamentais para a manutenção da democracia.

3.1 A origem do populismo e a vertente construtivista

O populismo é um termo utilizado para descrever uma série de movimentos políticos que surgiram em diferentes contextos históricos, desde o final do século XIX até aos nossos dias. Embora haja algumas variações entre esses movimentos, eles compartilham algumas características em comum, como a ênfase no papel do povo como protagonista político, a crítica às elites e à política tradicional, e a utilização de estratégias de comunicação simplificadas e emocionais.

Em um contexto mais histórico, a origem do populismo remonta ao final do século XIX, quando surgiu o movimento populista nos Estados Unidos. O populismo americano era liderado por fazendeiros e trabalhadores rurais que se uniram em torno de uma plataforma política que defendia a regulação do poder dos bancos e das grandes empresas, a expansão dos direitos dos trabalhadores e a democratização do sistema político. O populismo americano também foi marcado pela defesa de valores tradicionais e conservadores, como a religião e a família.

Assim, Kazin (1995) argumenta que:

O movimento populista nos Estados Unidos surgiu como uma resposta ao crescimento do capitalismo industrial e à concentração de poder nas mãos de um pequeno grupo de elites econômicas e políticas. Os líderes populistas acreditavam que a democracia americana estava ameaçada pela influência dessas elites e buscavam mobilizar a população para defender seus interesses e reivindicar seus direitos. (p.1).

Apesar da origem do populismo remontar ao contexto estadunidense, para a construção da presente dissertação, faz-se necessário um olhar aprofundado a respeito do surgimento do populismo na América Latina - pois engloba o Brasil - e na Europa,

referindo-se a Portugal. Afinal, é a partir da aparição e evolução desse movimento nesses dois continentes que a popularização desse posicionamento político alcançou grande destaque e está sendo estudada hoje.

Na América Latina, o populismo surgiu na década de 1930 como resposta à crise econômica e social que se seguiu à Grande Depressão, um período de crise econômica mundial que teve início em 1929 e afetou diversos países. Nessa região, os líderes populistas eram frequentemente militares ou ex-militares que se apresentavam como defensores do povo e da soberania nacional.

Assim, como explica O'Donnell (1991), podemos dizer que o populismo latino-americano foi baseado na junção de três fatores principais: “a crise da democracia liberal, o surgimento de novas forças políticas e sociais e a busca por um modelo de desenvolvimento autônomo e nacionalista”. (p. 37).

A crise da democracia liberal na América Latina foi marcada por um sentimento de frustração em relação aos modelos políticos e econômicos adotados pela região. As elites políticas e econômicas foram questionadas por sua ineficácia em lidar com os problemas sociais e econômicos da região, o que gerou um sentimento de desencanto e descrédito nas instituições democráticas.

O surgimento de novas forças políticas e sociais, como os movimentos operários e camponeses, também foi um fator importante para o surgimento do populismo na América Latina. Afinal, esses grupos buscavam uma maior participação política e a defesa de seus direitos, e encontraram no discurso populista uma forma de mobilizar as massas em torno de suas reivindicações.

Por fim, a busca por um modelo de desenvolvimento autônomo e nacionalista foi um dos principais fatores que impulsionou o surgimento do populismo na América Latina. Os líderes populistas da região defendiam a industrialização e a modernização econômica, mas buscavam fazê-lo de forma autônoma e independente das potências estrangeiras, o que gerou um forte sentimento nacionalista na população:

Esses movimentos defendiam a necessidade de uma industrialização acelerada e de uma modernização econômica que permitisse aos países da região superar a dependência histórica em relação aos países desenvolvidos. Esse projeto nacionalista e desenvolvimentista foi um dos principais elementos de legitimação dos governos populistas e gerou grande apoio popular. (O'Donnell, 1991, p.59).

Complementando, O'Donnell (1991) afirma que o populismo latino-americano foi marcado por uma série de características comuns, como a personalização da liderança política, a busca por uma identificação direta com as massas, o uso da retórica emocional e o discurso antissistema (p.61).

Nesse contexto, surgiram líderes políticos que se apresentavam como defensores dos pobres e oprimidos, mobilizando as massas com discursos emocionais e promessas de mudança. No Brasil, Getúlio Vargas buscava construir uma relação direta com as massas populares, utilizando a propaganda e a retórica para criar uma imagem de si mesmo como líder carismático e benevolente. Além disso, o populismo latino-americano foi caracterizado pela adoção de políticas sociais e econômicas redistributivas, como a nacionalização de empresas e a ampliação dos direitos trabalhistas.

Atualmente, o populismo continua sendo uma força política importante na América Latina, embora tenha perdido parte de sua força nas últimas décadas. Em alguns países, como Venezuela e na Bolívia, o populismo ainda está no poder, enquanto em outros, como Brasil e Argentina, líderes populistas foram eleitos na última década, mas enfrentaram desafios significativos. Em geral, o populismo na América Latina é frequentemente associado a políticas econômicas heterodoxas, como o aumento do gasto público e a intervenção estatal na economia.

Em outro contexto, o surgimento do populismo na Europa está relacionado a um conjunto de fatores, incluindo a crise econômica, a migração em massa e a insatisfação com as elites políticas. Além disso, os seus primeiros traços podem ser rastreados desde o século XIX, com movimentos políticos que defendiam os interesses da classe trabalhadora e rural, como a Liga dos Camponeses na Alemanha e o Partido Socialista Francês. Em Portugal, a primeira manifestação populista surgiu na década de 70, durante o período de transição da ditadura para a democracia.

Outro fator importante para a propagação do populismo no continente europeu é que, desde a década de 1980, a Europa tem passado por uma série de mudanças políticas, econômicas e sociais que criaram um ambiente favorável para o surgimento e ampliação dos partidos populistas. Assim, os pensamentos populistas foram se propagando e alcançando um número maior de países.

De acordo com Taggart (2004), a ascensão do populismo na Europa foi impulsionada por uma série de mudanças socioeconômicas e políticas, como a globalização econômica, o declínio da identidade nacional e a desconfiança nas elites políticas

tradicionais (p.271.). Nessa perspectiva, tais mudanças criaram um ambiente de incerteza e descontentamento entre a população, o que levou ao surgimento de movimentos populistas que se apresentam como alternativas aos partidos políticos tradicionais.

Assim, o processo de globalização e liberalização econômica levou a uma série de mudanças no mercado de trabalho, incluindo a precarização e a terceirização do trabalho, gerando um aumento do desemprego e da insegurança econômica, especialmente entre as camadas mais vulneráveis da população. Além disso, a migração em massa para a Europa, impulsionada por conflitos e instabilidade política em outras partes do mundo, criou tensões em torno da diversidade cultural e étnica.

Esses fatores, juntamente com a crescente insatisfação com as elites políticas, levaram ao surgimento de movimentos populistas na Europa. Esses movimentos são caracterizados por um discurso que apela diretamente às emoções do eleitorado, especialmente o medo e a insegurança. Os líderes populistas tendem a se apresentar como defensores do povo e dos interesses nacionais, ao mesmo tempo em que criticam as elites políticas e econômicas:

Os partidos populistas tendem a oferecer uma visão simplificada do mundo, na qual existe um conflito essencial entre o povo e as elites. Eles se apresentam como os representantes do povo e defendem políticas que supostamente irão beneficiar os interesses do povo. Ao mesmo tempo, criticam as elites políticas e econômicas, responsabilizando-as pelos problemas do país". (Mudde, 2004, p. 542).

Os movimentos populistas na Europa apresentam uma variedade de ideologias, desde a extrema direita até a esquerda radical. No entanto, eles compartilham uma retórica populista que enfatiza a divisão entre "o povo" e "as elites" e promete trazer mudanças significativas para a sociedade. Alguns dos exemplos mais proeminentes de movimentos populistas na Europa incluem o Movimento 5 Estrelas na Itália, o Partido da Liberdade na Áustria e o Partido para a Liberdade na Holanda. Agora, com o crescimento do partido Chega, também podemos citá-lo como um exemplo de partido populista de extrema direita que vem marcando presença no populismo europeu.

Por fim, o surgimento do populismo na Europa tem gerado preocupações em relação à saúde da democracia e dos direitos humanos. Afinal, muitos dos líderes populistas têm sido acusados de adotar uma postura autoritária e de promover valores que ameaçam a inclusão e a diversidade.

Agora, após a contextualização teórica a respeito da origem do populismo, torna-se necessário o aprofundamento em sua vertente construtivista. Afinal, é a partir dela que será possível analisar os grandes líderes populistas da extrema direita, tais como Jair Bolsonaro (BR) e André Ventura (PT) e como ambos estão crescendo em múltiplos cenários, inclusive nas redes sociais. Mas, para isso, é necessário explicitar o conceito de construtivismo, ainda não aplicado ao contexto populista.

O construtivismo é uma abordagem teórica que busca entender como os atores sociais constroem suas percepções da realidade social. Segundo Wendt (1992), "a teoria construtivista argumenta que as ideias não refletem a realidade, mas a constroem"(p.396). Dessa forma, o construtivismo se concentra no papel das ideias e das percepções na construção da realidade social.

Além disso, de acordo com essa abordagem, a realidade não é algo objetivo e independente de nossas percepções e interpretações, mas sim uma construção social, moldada pelas nossas experiências, crenças, valores e contextos culturais.

Além disso, o construtivismo sugere que nossas interpretações da realidade são moldadas por nossas crenças e pressupostos, e que essas crenças e pressupostos podem mudar ao longo do tempo em resposta a novas informações, experiências e interações sociais. Como resultado, a realidade não é fixa e imutável, mas sim fluida e mutável, sujeita a mudanças e transformações.

Tal teoria também enfatiza a importância das normas e das instituições na construção da realidade social. De acordo com Wendt (1992), "as normas são padrões de comportamento que são aceitos como apropriados ou inadequados dentro de uma comunidade de atores" (p.398). Dessa forma, as normas moldam a percepção da realidade social e influenciam o comportamento dos atores sociais.

Em resumo, o construtivismo é uma abordagem teórica que enfatiza o papel das ideias, percepções, normas e instituições na construção da realidade social, além de se concentrar na interação entre os atores sociais e na forma como eles constroem sua percepção da realidade, por meio da linguagem e dos símbolos.

Agora, aplicado ao contexto populista, a vertente construtivista é uma abordagem teórica que procura entender o fenômeno do populismo a partir da construção de identidades coletivas por meio da política. De acordo com essa perspectiva, o populismo não é apenas uma estratégia política para conquistar o poder, mas também um processo de construção de identidades políticas coletivas baseadas em uma dicotomia entre "o povo" e "as elites":

A vertente construtivista do populismo enfatiza a importância da construção de identidades coletivas para a compreensão do fenômeno. Segundo essa perspectiva, o populismo é uma estratégia política que busca construir uma identidade coletiva em torno de uma visão compartilhada do mundo, baseada em uma oposição entre o povo e as elites." (Ionescu & Gellner, 1969, p. 2).

Para os teóricos construtivistas, o populismo é um fenômeno complexo que envolve a construção de um discurso político que apresenta uma visão simplificada da realidade social e política, dividindo a sociedade em duas classes antagônicas: o povo e as elites. Isto posto, o populismo constrói uma imagem idealizada do povo, como um grupo homogêneo, virtuoso e unido, que é representado pelo líder populista como o único capaz de defender seus interesses:

A construção de identidades coletivas é central para o populismo, que procura criar uma divisão clara entre "o povo" e "as elites". Essa divisão é construída a partir de uma retórica que apela diretamente às emoções do eleitorado, e é usada para mobilizar o apoio popular e consolidar o poder político. (Mudde, 2004, p. 543).

A abordagem construtivista busca explicar como os líderes populistas conseguem mobilizar as massas e criar uma base de apoio político leal. Além disso, os teóricos construtivistas destacam que o populismo pode ter efeitos positivos e negativos na democracia, uma vez que, por um lado, pode reforçar a participação popular e ampliar a inclusão política, mas, por outro, pode ameaçar as instituições democráticas e promover a polarização política.

Por fim, pode concluir-se que o populismo é um fenômeno político complexo e multifacetado, que possui raízes históricas em diferentes partes do mundo e que se manifesta de maneiras variadas em diferentes contextos políticos e sociais. Mas, embora possa ser visto como uma resposta legítima a crises econômicas e sociais, o populismo, em sua vertente construtivista, também apresenta desafios para a democracia, como a polarização política, a fragilização das instituições democráticas e a marginalização de grupos sociais vulneráveis.

3.2 A ascensão do populismo de direita na última década

A ascensão do populismo de direita na última década é um fenômeno complexo que tem despertado a atenção de estudiosos, analistas políticos e sociais, bem como a dos meios de comunicação em todo o mundo. Afinal, esse movimento político se caracteriza pela valorização da identidade nacional, pela rejeição à globalização e pela oposição a políticas de imigração e tem conquistado um número crescente de eleitores em diversos países.

Nessa perspectiva, a popularidade desse movimento pode ser atribuída a vários fatores, incluindo a insatisfação popular com a globalização e as mudanças culturais em curso, bem como a crise econômica que tem afetado muitos países desde a última década. Além disso, o discurso populista de direita tem sido habilidoso em capitalizar a ansiedade dos eleitores, oferecendo respostas simples e imediatas para questões complexas e profundas:

A ascensão do populismo de direita é um fenômeno mundial que tem sido impulsionado por uma série de fatores, incluindo a globalização, a crise econômica, a insatisfação com a elite política e as instituições democráticas estabelecidas, bem como a ansiedade em relação à imigração e à segurança. (Pinto, 2018, p.22).

Tal tendência política está se manifestando de diversas formas, em diferentes países e com líderes com estilo semelhantes. Nos Estados Unidos, por exemplo, o populismo de direita se consolidou com a eleição de Donald Trump em 2016. No Brasil, a ascensão de Jair Bolsonaro, em 2018, tornou-se um exemplo marcante do fenômeno. Na Europa, partidos como o Alternativa para a Alemanha, a Frente Nacional francesa e o Partido da Liberdade austríaco têm ganhado força. Além da recente criação do partido Chega, que está ganhando cada vez mais força em Portugal.

No entanto, a ascensão do populismo de direita também tem gerado preocupações, especialmente em relação às suas políticas e ideologias. Hoje, muitos dos líderes populistas de direita defendem políticas que desrespeitam os direitos humanos, são hostis à diversidade cultural e à imigração, e favorecem políticas econômicas protecionistas:

Muitos populistas de direita adotam uma retórica abertamente xenófoba e racista, atacando imigrantes, muçulmanos, africanos, mexicanos, ciganos e

outros grupos minoritários. Eles apelam para o medo do "outro", frequentemente retratando os imigrantes como criminosos ou uma ameaça à cultura nacional e à identidade do país. (Levitsky e Ziblatt, 2018, p.29).

Complementando, Levitsky e Ziblatt (2018) afirmam que: “Eles buscam aumentar o controle do Estado sobre a imigração e promovem políticas que limitam a entrada de refugiados e imigrantes, ou até mesmo propõem a expulsão em massa de imigrantes ilegais.” (p.29).

Diante desse cenário, é fundamental que a sociedade civil e as instituições democráticas permaneçam vigilantes para garantir que o populismo de direita não ameace a estabilidade das democracias liberais. A busca por soluções duradouras para os problemas sociais e econômicos - que alimentam esse movimento - deve ser uma prioridade para os líderes políticos e a sociedade civil, com base no respeito aos valores democráticos e à diversidade cultural.

Aprofundando mais tal perspectiva, torna-se possível afirmar que muitos desses líderes têm sido acusados de incitar o ódio e a violência, bem como de atacar as instituições democráticas e os meios de comunicação independentes. Além disso, as políticas populistas de direita podem ter impactos negativos no comércio internacional e nas relações diplomáticas entre países, gerando tensões e conflitos:

A hostilidade dos governos populistas às instituições internacionais e às normas do comércio global também pode ter implicações importantes nas relações comerciais e diplomáticas. O protecionismo econômico e a tendência a adotar políticas unilaterais podem provocar conflitos comerciais e danificar as relações diplomáticas, além de ter impactos negativos sobre a economia global e a cooperação internacional." (Panizza, 2005, p. 110).

Complementando, a ascensão do populismo de direita também interfere na política global, afetando a cooperação internacional em áreas como comércio, meio ambiente e direitos humanos. A tendência de alguns líderes populistas de se afastarem de acordos e tratados internacionais relacionados a tais pautas, dificulta a solução de problemas globais e prejudica a economia mundial.

Diante dessas preocupações, é importante que as instituições democráticas permaneçam fortes e que a sociedade civil se engaje em um diálogo construtivo para encontrar soluções para os problemas sociais e econômicos que alimentam o populismo de direita. Além disso, é essencial que os líderes políticos e a mídia sejam responsáveis

em suas ações e comunicações, evitando a propagação de discursos de ódio e trabalhando para promover a inclusão e o respeito à diversidade cultural.

Agora, em um contexto mais voltado aos países estudados na presente dissertação, será necessário analisar a ascensão do populismo de direita no Brasil e em Portugal, tendo em vista que no capítulo de análise iremos abordar as semelhanças e similaridades encontradas entre os dois países e seus principais líderes de direita - Jair Bolsonaro (BR) e André Ventura (PT).

Na perspectiva brasileira, a ascensão do populismo de direita na última década tornou-se um fenômeno político que tem chamado a atenção de estudiosos e analistas políticos de todo o mundo. Afinal, após 14 anos de governo do Partido dos Trabalhadores (PT), partido de esquerda, o país elegeu Jair Bolsonaro como presidente em 2018, um político que se autodenomina como de direita e que adota uma retórica nacionalista, conservadora e *anti-establishment*.

A ascensão de Bolsonaro ao poder foi impulsionada por uma série de fatores, incluindo a insatisfação popular com a corrupção e a crise econômica que afetou o país nos últimos anos. Além disso, a campanha do líder direitista se beneficiou da polarização política crescente no país, muito influenciada pelo Impeachment de Dilma Rousseff, levando o eleitorado se dividindo entre o campo da esquerda e da direita.

De acordo com Wilson Gomes (2020), as falas de Bolsonaro são alimentadas por afirmações simplistas e controversas sobre a realidade brasileira. A oposição é pintada como um inimigo, enquanto o presidente se apresenta como a única fonte de soluções para os problemas do país. Essa estratégia busca dividir a sociedade em campos opostos, tornando mais difícil a construção de consensos e compromissos políticos, reduzindo a complexidade do mundo a uma dicotomia simples de "nós contra eles". Isso pode levar à erosão do sistema político e da democracia, bem como a uma polarização social cada vez maior (p.24).

Além disso, o discurso populista de direita adotado por Bolsonaro tem sido marcado pela valorização da identidade nacional, pela oposição a políticas de imigração e pela retórica antiglobalização. O político defende a ideia de que o Brasil precisa se proteger de influências externas e restaurar uma suposta "ordem moral" no país, uma visão que atraiu apoio, principalmente de setores conservadores e religiosos da sociedade brasileira.

No entanto, a ascensão do populismo de direita no Brasil também tem gerado preocupações em relação às políticas e ideologias defendidas pelo governo. Bolsonaro e seus aliados têm adotado políticas que desrespeitam os direitos humanos, atacam a

liberdade de imprensa e promovem ações que prejudicam minorias étnicas e grupos vulneráveis, como imigrantes e indígenas:

O discurso de Bolsonaro atinge de maneira particularmente cruel as minorias étnicas, como os povos indígenas, e grupos vulneráveis, como os LGBTQIA+. Essas pessoas são alvos de ataques verbais e políticas públicas que visam sua exclusão ou marginalização, negando-lhes direitos e reconhecimento de sua dignidade. (Miguel, 2018, p.116).

Complementando, o autor afirma que:

Além disso, a exaltação de valores como a violência e a intolerância cria um ambiente de insegurança e medo para essas populações, que acabam sendo as mais afetadas pela violência e pelas injustiças sociais. (p.116).

Além disso, durante o governo Bolsonaro (2018-2022), a agenda econômica do Brasil foi duramente criticada por analistas políticos, que argumentaram que suas políticas protecionistas e isolacionistas prejudicariam a economia do país a longo prazo. A relação do governo brasileiro com a comunidade internacional também foi marcada por tensões e conflitos:

A política externa bolsonarista é marcada por uma série de contradições e incertezas, o que resulta em uma grande desconfiança dos parceiros internacionais. Isso pode prejudicar a capacidade do Brasil de construir alianças estratégicas e acordos comerciais vantajosos, afetando a economia do país a longo prazo. (Miguel, 2018, p.189).

Assim, podemos dizer que diante desse cenário, é fundamental que as instituições democráticas e a sociedade civil no Brasil permaneçam vigilantes para garantir que o populismo de direita não ameace a estabilidade da democracia no país. É preciso trabalhar para promover o diálogo e o entendimento entre diferentes grupos políticos e culturais e buscar soluções duradouras para os problemas sociais e econômicos que alimentam o populismo de direita, sempre com base nos valores democráticos e na promoção da inclusão e do respeito à diversidade.

Agora, na perspectiva portuguesa, podemos dizer que nos últimos anos, Portugal tem sido um dos países europeus que experimentou um aumento significativo do populismo de direita. O Partido Social Democrata (PSD) e o Partido Popular (CDS-PP) têm

liderado essa ascensão, adotando uma postura mais conservadora e nacionalista. Além disso, em 2019, com a criação do partido Chega, o populismo de direita tornou-se mais incisivo no país.

Nessa perspectiva, uma das principais questões responsáveis por impulsionar o populismo de direita em Portugal é a imigração. O aumento do número de imigrantes, principalmente do Brasil, da África e do Oriente Médio, tem gerado temores entre a população em relação à segurança e à integração cultural.

De acordo com o *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo* (RIFA) do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), em 2019, Portugal contava com 480.300 imigrantes com autorização de residência, com destaque para brasileiros e cabo-verdianos. Assim, a partir de tamanho crescimento da população de imigrantes, os partidos de direita têm promovido políticas restritivas em relação à imigração e defendendo uma política de "Portugal primeiro":

Os discursos e as políticas anti-imigração, presentes sobretudo nos partidos da direita, contribuem para a xenofobia e para o racismo. [...] Há uma tendência para culpar os imigrantes por todos os problemas sociais, económicos e políticos do país, o que contribui para uma erosão da coesão social. (Pires, 2016, p.72).

Além disso, a crise econômica e a austeridade impostas pelo governo português nos últimos anos têm gerado descontentamento e instabilidade social, o que tem aumentado a popularidade do discurso populista de direita. Afinal, Portugal vem passando por crises populacionais, habitacionais, econômicas e sociais, fortalecendo o posicionamento dos líderes populistas, mais conhecidos como “os salvadores da pátria”.

É a partir de tais problemas governamentais que André Ventura cria o partido Chega, aproveitando o descontentamento do povo português para promover suas políticas extremistas e aumentar sua base de apoio, conquistando cada vez mais seguidores ao longo do tempo:

O Chega é um partido que se assume como antissistema e que procura captar votos nas franjas mais radicais da direita, procurando, ao mesmo tempo, explorar sentimentos de descontentamento face à atual classe política, fazendo apelo a um discurso de medo, intolerância e ressentimento contra minorias étnicas, imigrantes e refugiados. (Pinto, 2019, p.62).

Isto posto, o populismo de direita pregado por Ventura se concentra em torno de temas como a imigração, a segurança e o nacionalismo. O presidente do Chega argumenta que Portugal precisa adotar políticas mais restritivas em relação à imigração e promover uma política de "Portugal primeiro".

Complementando, Ventura também defende uma abordagem mais dura em relação à criminalidade, argumentando que o país precisa de leis mais duras e uma polícia mais forte para lidar com a violência nas ruas. O político direitista também tem sido criticado por suas posições em relação à comunidade LGBTQIA+, opondo-se ao casamento entre pessoas do mesmo sexo e tem defendido posições que muitos consideram homofóbicas:

O Chega é, antes de mais, um partido populista que se apoia em posições extremistas para captar a atenção dos eleitores. O seu líder, André Ventura, tem sido um dos principais promotores da retórica anti-imigração e anti-LGBT em Portugal, defendendo posições que muitas vezes ultrapassam os limites do razoável e do aceitável numa sociedade democrática. A sua ascensão ao poder pode representar uma ameaça para a coesão social e os direitos humanos no país. (Santos, 2020, p.26).

Em uma outra ótica, o discurso populista de direita de Ventura tem sido comparado ao de outros líderes populistas de direita ao redor do mundo, como Donald Trump e Jair Bolsonaro. Assim, o político tem se tornado uma figura polarizadora na política portuguesa, com alguns o considerando um defensor dos valores tradicionais e outros o acusando de promover o ódio e a divisão.

A popularidade de Ventura e do partido Chega tem gerado preocupações entre os críticos, que temem que seu discurso extremista possa levar a divisões sociais e políticas em Portugal. No entanto, outros argumentam que a popularidade do partido reflete o descontentamento da população em relação às políticas tradicionais e ao status quo:

Ao passo que as elites políticas são progressivamente desacreditadas, partidos populistas como o Chega e o Iniciativa Liberal podem se beneficiar com o voto de protesto. A crise de representatividade traduz-se numa crescente falta de confiança na política e nas instituições democráticas, e isso pode abrir espaço para soluções autoritárias ou demagógicas. (Santos, 2020, p.93).

Em qualquer caso, o populismo de direita pregado por Ventura e pelo partido Chega é um fenômeno político importante em Portugal e reflete as mudanças que estão ocorrendo na política e na sociedade portuguesa. É importante que os líderes políticos e a sociedade em geral trabalhem para promover um diálogo construtivo e inclusivo em relação às questões sociais e econômicas que afetam o país, a fim de evitar a polarização e a divisão:

Nesse sentido, é importante que a democracia portuguesa responda aos desafios da sociedade contemporânea, fortalecendo a participação popular e o controle social, e buscando novas formas de representação e de diálogo com os cidadãos. (Santos, 2020, p.93).

É preciso que Portugal adote políticas que respeitem os direitos humanos e a diversidade cultural, além de promover a integração e o diálogo entre as diferentes comunidades que compõem a sociedade portuguesa. Afinal e somente assim, será possível construir uma sociedade mais justa e coesa, capaz de enfrentar os desafios do século XXI.

3.3 O populismo de direita e sua forte presença nas redes sociais

Como teorizado anteriormente, o populismo de direita é um fenômeno político que tem ganhado força em diversas partes do mundo nas últimas décadas. Hoje, uma das suas principais características é a sua forte presença nas redes sociais, que têm se tornado um importante espaço de mobilização e difusão de ideias para esse grupo político.

De acordo com o relatório da União Internacional de Telecomunicações (UTI), em 2019, cerca de 3,9 bilhões de pessoas encontram-se conectadas à Internet, equivalendo a 51% da população mundial. Nesse cenário, é possível enxergar que o alto nível de conectividade presente na sociedade contemporânea é uma das principais ferramentas utilizadas pelos líderes populistas.

Assim, as redes sociais tornaram-se um canal privilegiado para o populismo de direita por diversas razões. Em primeiro lugar, permitem a criação de uma comunicação direta entre líderes populistas e seus seguidores, sem a intermediação de outros agentes políticos ou da mídia tradicional, tornando possível que as mensagens populistas sejam

difundidas de forma mais rápida e eficiente, sem sofrer distorções ou críticas por parte de outros atores políticos.

Além disso, as redes sociais são um espaço de grande interação e engajamento por parte dos usuários, o que permite que os líderes populistas estabeleçam uma relação mais próxima com seus seguidores e criem uma sensação de comunidade em torno de suas ideias. As interações podem se dar por meio de comentários, compartilhamentos e *likes*, que são formas de *feedback* imediato para as mensagens populistas.

Complementando: uma das consequências negativas do uso intensivo das redes sociais pelos líderes populistas de direita é a criação de bolhas virtuais, que limitam a exposição dos usuários a pontos de vista diferentes e reforçam suas crenças e preconceitos pré-existentes. Como destacado por Sunstein (2017), as redes sociais têm um forte potencial para reforçar a polarização política e social, criando grupos homogêneos de usuários que compartilham das mesmas visões de mundo e se tornam cada vez mais distantes de outras perspectivas e opiniões:

Redes sociais podem reforçar a polarização. Elas permitem que as pessoas se associem a outras que pensam como elas e evitem aquelas que não o fazem, restringindo assim a exposição, as informações e perspectivas diferentes. (p.4).

Outra razão para a forte presença do populismo de direita nas redes sociais é o uso intensivo de estratégias de comunicação digital. Os líderes populistas utilizam técnicas de marketing político e de gerenciamento de mídias sociais para ampliar o alcance de suas mensagens e aumentar o engajamento de seus seguidores. Entre essas estratégias está o uso de *hashtags*, *memes* e vídeos virais, que são formas de tornar as mensagens populistas mais atraentes e compartilháveis nas redes sociais.

Nessa perspectiva, a presença do populismo de direita nas redes sociais é reforçada pela polarização política que tem ocorrido em diversas partes do mundo. As redes sociais se tornaram espaços de intensos debates e conflitos políticos, nos quais os líderes populistas podem se posicionar como vozes de uma suposta maioria silenciosa que é marginalizada pelas elites políticas e midiáticas, criando um ambiente propício para a difusão de ideias populistas e para a mobilização de seus seguidores:

Os líderes populistas de direita estão usando as redes sociais de maneiras novas e poderosas para alcançar um público mais amplo e para falar diretamente com seus apoiadores e seguidores. Eles entendem que as redes sociais são um meio eficaz de disseminar suas mensagens, construir coalizões e mobilizar eleitores. (Treisman, 2019, p. 37).

Embora a presença do populismo de direita nas redes sociais seja um fenômeno global, sua intensidade e formas de atuação podem variar de acordo com o contexto político e cultural de cada país. Em países como os Estados Unidos, Brasil, Hungria e Polônia, por exemplo, o populismo de direita tem sido protagonista de importantes vitórias eleitorais e tem conseguido construir uma base social bastante ampla e ativa nas redes sociais. Já em países como a França, Portugal e Alemanha, o populismo de direita tem enfrentado maior resistência por parte das elites políticas e midiáticas, o que tem dificultado a sua consolidação como força política majoritária.

Outra estratégia bastante utilizada pelos líderes populistas de direita nas redes sociais é a utilização de discursos polarizantes e emocionais. Essa tática tem como objetivo criar uma narrativa simples e maniqueísta sobre a realidade política e social:

Os líderes populistas de direita são especialmente adeptos de discursos polarizantes e emocionais, que apelam às emoções e identidades dos eleitores, ao invés de argumentos racionais baseados em fatos. Esses líderes usam uma linguagem acessível e emocionalmente carregada para mobilizar as massas, apelando a uma narrativa simplista e binária de "nós contra eles. (Mudde, 2017, p. 2).

De forma complementar, esse tipo de discurso busca apresentar uma visão do mundo que coloca a população contra as elites políticas e midiáticas, em defesa dos valores tradicionais e da identidade nacional. Para isso, os líderes populistas utilizam uma linguagem agressiva e populista, que busca criar uma sensação de pertencimento e de luta contra as supostas ameaças externas:

A característica mais evidente dos líderes populistas de direita é sua tendência a usar discursos agressivos e populistas que demonizam os oponentes e retratam a si mesmos como defensores dos interesses do povo. Esses líderes frequentemente utilizam retórica inflamada e dramática para mobilizar seus seguidores e criar uma atmosfera de confrontação e polarização" (Norris & Inglehart, 2019, p. 34).

A utilização de teorias conspiratórias e de notícias falsas também é mais uma das estratégias utilizadas nas redes sociais. As *fakes news* são divulgadas como forma de desacreditar a mídia tradicional e de reforçar a narrativa populista. Tal discurso busca criar uma sensação de desconfiança em relação às informações veiculadas pelos

veículos de comunicação, permitindo que os líderes populistas se apresentem como a única fonte confiável de informação para os seus seguidores.

De acordo com Brites e Porcello (2018), o processo de descentralização da informação também é um dos fatores responsáveis pela popularização de notícias falsas por meio dos líderes populistas, principalmente no período eleitoral. O fato de esses líderes e seus eleitores terem passado a ter autonomia de publicar suas próprias informações nas redes sociais modificou a dinâmica comunicacional (p.4). Em contrapartida, muitos ainda consideram os veículos de comunicação como representantes da realidade social:

A descentralização dos veículos de comunicação como detentores do poder de informar já havia colocado em questão a importância de seus profissionais. Porém, ao mesmo tempo em que as Fake News têm se mostrado um oponente do jornalismo, da população e da democracia, tem reforçado o papel do jornalismo enquanto representante da realidade social. (Brites & Porcello, 2018, p.4).

No entanto, a presença do populismo de direita nas redes sociais também tem gerado reações por parte de outros atores políticos e da sociedade civil. Movimentos sociais, organizações não governamentais e partidos políticos têm utilizado as redes sociais como forma de resistência ao populismo de direita, criando campanhas de conscientização, mobilização e denúncia de práticas antidemocráticas. Além disso, a própria mídia tradicional tem buscado formas de combater a desinformação e de apresentar uma visão mais equilibrada sobre a realidade política e social.

As redes sociais permitem que os grupos que atuam contra a propagação dos posicionamentos populistas de direita também alcancem uma audiência global, conectando-se com pessoas que compartilham das mesmas preocupações e objetivos e mobilizando-as para ações coletivas. Além disso, esses grupos passaram a criar redes de solidariedade e apoio mútuo, o que é particularmente importante em contextos em que os líderes populistas buscam enfraquecer a sociedade civil e minar a liberdade de expressão:

As redes sociais podem ser usadas como uma ferramenta poderosa para combater o extremismo e o discurso de ódio. Elas permitem que indivíduos e organizações promovam mensagens alternativas de inclusão e tolerância, e desafiem diretamente o discurso extremista e polarizante dos líderes populistas de direita. As redes sociais também podem ser usadas para mobilizar ações

coletivas, e para ampliar o alcance de iniciativas de prevenção e intervenção contra o extremismo. (Institute for Strategic Dialogue, 2019, p. 7).

No entanto, é importante destacar que a resistência contra os líderes populistas de direita nas redes sociais enfrenta desafios significativos, como a manipulação de informações e a disseminação de notícias falsas pelos próprios líderes populistas, bem como a censura e a perseguição por parte de governos autoritários. Assim, é fundamental que a luta contra o populismo de direita nas redes sociais seja acompanhada por um esforço conjunto de proteção da liberdade de expressão e da democracia como um todo.

No mais, a forte presença do populismo de direita nas redes sociais pode ser explicada por uma combinação de fatores que incluem a criação de uma comunicação direta entre líderes populistas e seus seguidores, o alto engajamento dos usuários nas redes sociais, o uso intensivo de estratégias de comunicação digital e a polarização política que tem ocorrido em diversas partes do mundo.

Isso posto, a forte presença do populismo de direita nas redes sociais é um fenômeno que tem desafiado a democracia e os valores progressistas. No entanto, é importante ressaltar que a luta contra o populismo de direita não se pode restringir ao âmbito das redes sociais, sendo necessária uma atuação ampla e integrada por parte dos atores políticos, da sociedade civil e da mídia tradicional.

3.4 A validação dos posicionamentos extremistas a partir de líderes políticos populistas de direita

A validação dos posicionamentos extremistas a partir do discurso de líderes políticos tornou-se um fenômeno preocupante, com potenciais consequências extremamente negativas para a sociedade como um todo. Afinal, quando líderes políticos expressam ideias extremistas ou discriminatórias, isso pode levar a uma normalização dessas ideias na sociedade e torná-las mais aceitáveis para certos grupos de pessoas.

De acordo com a pesquisa realizada pelo Pew Research Center em 2019, constatou-se que os líderes políticos possuem uma influência significativa sobre as opiniões dos cidadãos. Os resultados mostraram que a opinião dos líderes políticos é considerada importante ou muito importante para cerca de metade dos entrevistados em países como Brasil, Estados Unidos e Reino Unido.

Em meio a esse cenário, as redes sociais desempenham um papel importante na disseminação de discursos extremistas, permitindo que os líderes populistas alcancem um público mais amplo e consolidem sua base de apoio. Além disso, as redes sociais podem ajudar na validação desses discursos, já que permitem que os seguidores dos líderes populistas compartilhem e comentem suas declarações públicas, criando uma espécie de eco para as ideias apresentadas.

Conforme aponta Mazzoleni e Schulz (1999), "as redes sociais podem amplificar o impacto das mensagens políticas e fortalecer as crenças de um indivíduo, criando um efeito de 'enquadramento' em que uma mensagem é repetida várias vezes por diferentes fontes, reforçando sua validade" (p.81). Nesse sentido, as redes sociais podem ajudar na construção de uma narrativa compartilhada pelos seguidores do líder populista, aumentando sua influência.

Nessa perspectiva, a influência desses representantes pode ter tanto efeitos positivos quanto negativos, dependendo das declarações e comportamentos dos líderes políticos. Sendo negativa, tais atos serão responsáveis por gerar efeitos perigosos na sociedade, resultando em maior polarização, hostilidade e divisão entre diferentes grupos:

Os líderes políticos, especialmente aqueles que estão dispostos a expressar visões mais extremas, podem desempenhar um papel importante na validação e reforço das crenças dos seus seguidores. Por meio de suas falas, eles podem criar um ambiente propício para a disseminação e aceitação de ideias radicais e perigosas. (Burke & Stets, 2009, p. 156).

O exemplo mais notório de validação de posições extremistas por líderes políticos ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial, quando o líder alemão Adolf Hitler usou seu discurso para incitar à violência contra minorias étnicas e religiosas. O historiador Snyder (2017) escreveu em seu livro *Tirania: Vinte Lições do Século XX* que "as palavras do líder são um reflexo direto do que ele pensa e acredita, e ao mesmo tempo, essas palavras validam as crenças de seus seguidores. O líder é o porta-voz da sua visão do mundo, e essa visão do mundo é validada a cada palavra que ele pronuncia" (p. 67).

Mudde (2017), em seu livro *Populismo: uma brevíssima introdução*, destaca a importância das falas dos líderes populistas na validação das crenças extremistas de seus seguidores. Segundo o autor, os líderes populistas têm o poder de validar as crenças de seus seguidores por meio de suas falas simples e poderosas, que ressoam profundamente com as emoções de seus seguidores. Mudde afirma que "os líderes populistas são mestres em validar as crenças de seus seguidores por meio de suas falas"(p. 5).

Por isso, torna-se importante reforçar que as declarações de líderes políticos têm grande poder e influência, especialmente entre seus seguidores e apoiadores. Quando líderes políticos fazem declarações extremistas, podem validar e reforçar os preconceitos e opiniões extremas de seus seguidores:

As falas extremistas dos líderes políticos têm o potencial de reforçar os preconceitos e opiniões extremas de seus seguidores, especialmente quando essas falas são usadas para estigmatizar e demonizar grupos inteiros de pessoas. Essas palavras podem fortalecer a identidade do grupo e aumentar a coesão entre seus membros, mas também podem levar à desumanização dos outros e à justificção da violência. (Huddy & Feldman, 2011, p. 134).

Dentro desse cenário, a partir das falas dos líderes populistas, é comum que seus seguidores se sintam legitimados a propagar esses discursos, seja em conversas informais ou em suas próprias redes sociais. O fenômeno ocorre porque, ao ver uma figura pública falando abertamente sobre uma temática controversa, o cidadão sente-se encorajado a falar também, pois se sente apoiado e validado pela figura pública.

Essa dinâmica é especialmente preocupante quando se trata de discursos extremistas, que podem levar a atitudes preconceituosas e discriminatórias em relação a determinados grupos sociais. Como afirmam Huddy e Feldman (2011), "os líderes políticos têm um papel importante na promoção de ideias extremistas e na disseminação de narrativas falsas que podem levar a atitudes preconceituosas e discriminação contra grupos inteiros de pessoas" (p.134).

Nesse contexto, é fundamental que os cidadãos sejam críticos em relação às falas dos líderes populistas, questionando seus argumentos e buscando informações confiáveis para formar suas próprias opiniões. Além disso, é importante que os próprios líderes políticos sejam responsáveis e éticos em relação às suas falas públicas, evitando disseminar discursos extremistas e polarizadores que possam incentivar atitudes discriminatórias e prejudicar a convivência democrática.

Como destaca Snyder (2017), "a sociedade precisa se unir em torno de valores democráticos e se opor a qualquer tentativa de minar esses valores, incluindo a disseminação de discursos extremistas e a promoção do medo e da intolerância" (p.182). Portanto, é fundamental que os cidadãos estejam atentos e engajados na promoção de uma sociedade mais justa e igualitária, combatendo a disseminação de discursos extremistas e promovendo a diversidade e a inclusão.

Além disso, é importante que líderes políticos e figuras públicas utilizem sua posição para promover a tolerância, a inclusão e a diversidade, e condenem publicamente qualquer tipo de discurso ou comportamento extremista ou discriminatório. A promoção de valores positivos e a rejeição de comportamentos negativos podem ajudar a prevenir a validação de posições extremistas e, conseqüentemente, limitar sua disseminação na sociedade.

Metodologia

Para a construção da presente dissertação, mostrou-se necessária a utilização de processos metodológicos distintos. Afinal, através de tais processos foi possível analisar a ascensão do populismo de direita nas redes sociais, tendo como base uma pesquisa direcionada aos políticos direitistas Jair Bolsonaro (BR) e André Ventura (PT).

Além disso, deve-se levar em consideração que a metodologia é um elemento fundamental para a pesquisa acadêmica, pois estabelece a abordagem e os procedimentos utilizados para responder a uma pergunta de pesquisa ou investigar um problema específico:

A metodologia exerce um papel crucial na pesquisa, pois é responsável por fornecer uma estrutura sólida e rigorosa para o desenvolvimento do estudo. Através dela, é possível estabelecer um plano de ação e selecionar os métodos e técnicas mais competentes para examinar, analisar e interpretar os dados (Santos, 2018, p.25).

Sendo assim, com o intuito de seguir um conjunto de etapas bem definidas, os processos metodológicos utilizados para a construção da presente pesquisa foram a revisão bibliográfica, seguida de uma análise comparativa.

A revisão bibliográfica desempenha um papel fundamental na construção de uma metodologia sólida em pesquisas acadêmicas. Por isso, essa etapa mostrou-se essencial para embasar teoricamente a presente dissertação, ajudando a identificar lacunas nos conhecimentos existentes e orientar a seleção dos métodos e técnicas mais apropriados para a coleta e análise de dados.

Para a construção da revisão bibliográfica produzida para este estudo, foram utilizados teóricos de múltiplos países, entre os quais o Brasil, Portugal, Inglaterra e Estados Unidos, além de buscar diversas perspectivas sobre um mesmo conceito, ampliando a visão teórica acerca dos conteúdos debatidos. Nessa perspectiva, também mostrou-se possível tornar notória a necessidade da inserção de considerações produzidas pela autora, visto que o tema debatido é algo “novo” e está em processo de teorização, dificultando o acesso de bibliografias totalmente ligadas ao tema.

Para além disso, de acordo com Silva (2017, p.75), a construção de revisão bibliográfica permite ao pesquisador ter uma visão ampla e atualizada do estado da arte em

determinada área de estudo. Ao explorar a literatura disponível, é possível conhecer os principais conceitos, teorias, modelos e abordagens adotados por outros pesquisadores, bem como identificar as lacunas e controvérsias existentes, contribuindo para a construção de uma metodologia que seja embasada e coerente aos avanços e debates do campo de pesquisa.

A revisão bibliográfica ainda auxilia na definição dos objetivos da pesquisa e na formulação de perguntas de pesquisa relevantes. A partir da análise de estudos anteriores, o pesquisador pode identificar questões ainda não respondidas, problemas não resolvidos ou oportunidades para expandir o conhecimento existente. Partindo dessa perspectiva, tornou-se possível formular as seguintes questões: “Porque o populismo de direita está crescendo tanto na internet?”, “Quais foram as estratégias digitais utilizadas por Jair Bolsonaro (BR) e André Ventura (PT) nas últimas eleições presidenciais?”.

Agora, no que diz respeito à segunda etapa dos processos metodológicos utilizados para a produção da presente pesquisa, está a análise comparativa, estruturada a partir da coleta de dados e da interpretação dos resultados. Nesse sentido, a combinação dessas funções se mostra como elementos cruciais para o desenvolvimento desta dissertação, desempenhando um papel fundamental no processo de investigação e na geração de conhecimento científico.

Primeiramente, antes de explicitar como a análise comparativa foi produzida, é importante destacar que a análise é baseada em um processo quantitativo, com materiais recolhidos por meio de *printscreen* retirados diretamente das redes sociais das personalidades analisadas. Além disso, a escolha do método quantitativo deu-se porque baseia-se na coleta e análise de dados numéricos, com o objetivo de identificar padrões, relações de causa e efeito, e obter uma compreensão mais precisa e generalizável do fenômeno estudado:

Amplamente utilizada nas ciências sociais, a análise quantitativa permite uma abordagem sistemática e estruturada para compreender fenômenos complexos. Ela se baseia na coleta de dados numéricos, sua organização em categorias e sua submissão a técnicas estatísticas para identificar padrões, estabelecer relações causais e obter conteúdos generalizáveis” (Bryman, 2016, p. 59).

Nesta etapa, a partir da criação de um método de análise produzido pela autora, foi possível a compreensão dos fenômenos observados, a identificação de padrões, a validação de hipóteses e a obtenção de *insights* relevantes. Posto isto, o método de

análise autoral consiste em analisar os conteúdos publicados no Instagram dos presidenciáveis, 30 dias antes das eleições, dividindo-os em conteúdos estáticos e audiovisuais, mensurando o engajamento dos eleitores com base na quantidade de comentários recebidos durante esse período e, por fim, categorizar as postagens em três eixos: postagens com discursos abordando pautas populistas, postagens que façam referência à campanha eleitoral e postagens com outros temas. Vale destacar que a construção dos três eixos de postagens foi baseada nos conceitos trabalhados na revisão bibliográfica.

Além disso, é de enfatizar que a coleta de dados é o processo de obtenção de informações relevantes para a pesquisa. Segundo Yin (2018, p.14), a escolha das técnicas de coleta de dados é crucial para a obtenção de informações precisas e relevantes. A coleta de dados pode envolver entrevistas, interações, observação direta, análise de documentos, entre outras abordagens. Mas, como citado anteriormente, para o presente trabalho, a coleta de dados foi realizada através de *printscreen* feitos através da página dos políticos Jair Bolsonaro (BR) e André Ventura (PT), totalizando 151 *printscreen*.

Por fim, a interpretação dos resultados é uma fase em que os dados coletados são analisados e contextualizados. Segundo JW Creswell e JD Creswell (2018, p. 64), a interpretação envolve a identificação de padrões, tendências, relações de causa e efeito, bem como a compreensão dos significados subjacentes aos dados. Nessa etapa, o pesquisador faz inferências e, a partir dos resultados - relacionando-os com a teoria existente - discute suas implicações e propõe novas perspectivas ou recomendações para pesquisas futuras.

Neste caso, tornou-se possível concluir que o crescimento dos discursos populistas de direita nas redes sociais é um fenômeno que está em ascensão, devido à sensação de proximidade entre o político e o eleitor, fazendo com que o eleitor se sinta confortável para compartilhar qualquer tipo de pensamento, visto que o seu discurso extremista é validado por figuras públicas que se mostram como os “salvadores da pátria”.

Assim, a importância dos resultados obtidos no final da revisão bibliográfica e análise comparativa reside na contribuição que eles oferecem para a expansão do conhecimento científico. Os resultados de uma pesquisa podem confirmar, refutar ou avançar nas teorias existentes, trazer novas evidências empíricas e oferecer *insights* relevantes para a compreensão dos fenômenos observados. Segundo Patton (2015, 27), resultados sólidos e bem fundamentados têm o potencial de influenciar práticas, políticas e tomadas de decisão em diversos campos do conhecimento. Por meio dessas

etapas, os investigadores podem contribuir para o avanço do campo de estudo, promovendo a inovação, a tomada de decisões embasadas e a melhoria da sociedade como um todo.

Capítulo 4 – Análise comparativa dos posicionamentos populistas do Instagram de Jair Bolsonaro (BR) e André Ventura (PT)

Os movimentos sociais têm sido uma força poderosa para a transformação das sociedades ao redor do mundo. Afinal, desempenham um papel fundamental na luta por direitos, justiça social e mudanças políticas. No entanto, compreender a complexidade desses movimentos requer uma análise aprofundada sobre suas características, estratégias e efeitos em diferentes contextos.

Nesse sentido, a presente dissertação promove uma análise comparativa entre países estruturalmente diferentes - Brasil e Portugal - enfatizando que, apesar de estarem em continentes distintos, vivenciam o crescimento do mesmo movimento: o populismo de direita.

A partir dessa perspectiva, a análise aqui realizada pretende identificar padrões, semelhanças e diferenças no processo de ascensão do populismo de direita nas redes sociais, bem como os fatores contextuais que influenciam o seu sucesso, organização e resultados. Através da abordagem comparativa, tornou-se possível construir uma visão mais completa e contextualizada deste movimento social, contribuindo para o avanço do conhecimento teórico e prático nessa área.

Assim, para a construção da presente análise comparativa, foram definidas algumas etapas:

1 – Definição do período analisado: 30 dias antes das últimas eleições presidenciais de cada país, sendo no Brasil de 01/09/2022 a 30/09/2022 e em Portugal de 25/12/2020 a 23/01/2021.

2– Definição de Rede Social analisada: o Instagram foi a rede social escolhida, visto que, de acordo com Smith (2020, p. 51) “o Instagram se tornou uma das plataformas de mídia social mais dominantes e influentes da última década. Sua ascensão meteórica reflete a crescente importância da cultura visual e da conexão social online na sociedade contemporânea”.

3– Recolha de Dados: o processo de recolha de dados foi realizado por meio de *printscreens* retirados diretamente das redes de Jair Bolsonaro (BR) e de André Ventura (PT).

4- Categorização dos dados: para a análise comparativa ser realizada, mostrou-se necessária a categorização dos dados em: 1 - conteúdos estáticos e em vídeos; 2 – discursos abordando pautas populistas, materiais de campanha e outros.

5- Análise dos dados: estruturação dos dados em gráficos, mostrando os números e porcentagens obtidas.

A partir da estruturação das etapas citadas anteriormente, seguiu-se para a presente análise comparativa sobre a ascensão do populismo de direita nas redes sociais, tendo como base Jair Bolsonaro (BR) e André Ventura (PT). É importante destacar que a organização metodológica desenvolvida por esta autora permitiu uma abordagem sistemática e aprofundada, que contempla a seleção e delimitação do caso de estudo, a coleta e análise de dados pertinentes, bem como a comparação e interpretação dos resultados obtidos.

4.1 Análise de Jair Bolsonaro

Jair Bolsonaro, ex-presidente do Brasil, é uma figura política que despertou grande interesse e controvérsia durante seu mandato. Conhecido por sua retórica populista, suas declarações polêmicas e seu estilo de liderança agressivo, Bolsonaro conquistou uma base de apoiadores fervorosos, ao mesmo tempo em que gerou críticas e descontentamento na sociedade brasileira.

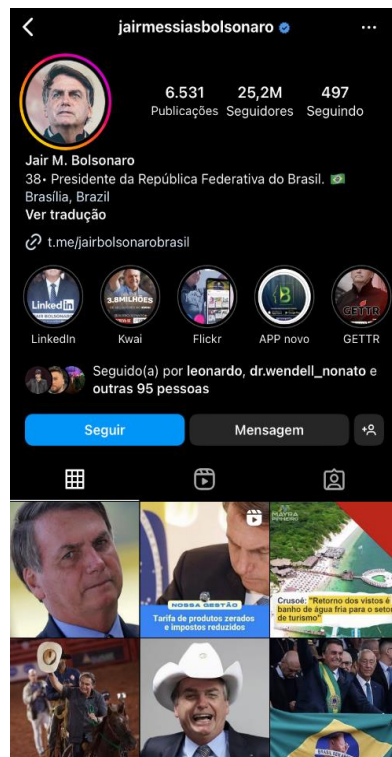
De acordo com Silva (2020), Jair Bolsonaro representa um claro exemplo de liderança política direitista, com uma postura conservadora em relação às questões sociais, uma agenda econômica liberal e uma abordagem punitiva no combate ao crime.

Além disso, seus discursos populistas são marcados por uma presença direta e incisiva, que busca estabelecer uma conexão emocional com seu eleitorado. No entanto, é importante analisar não apenas sua retórica, mas também as pautas que ele defende e as que condena. Bolsonaro tem se destacado por promover agendas conservadoras, defendendo valores tradicionais, uma abordagem econômica liberal e uma agenda de segurança pública rigorosa.

Atualmente, com 25,2 milhões de seguidores no Instagram, Jair Bolsonaro é considerado um fenômeno nas redes sociais. Segundo Santos (2021), Bolsonaro tem demonstrado um notável sucesso nas redes sociais, estabelecendo uma conexão direta e emocional com seu eleitorado, por meio de mensagens simplificadas e apelos populistas. Além disso, a autora destaca que o impacto significativo de Bolsonaro no

Instagram, ressalta da sua habilidade em transmitir sua mensagem política de forma eficaz e engajar muitos seguidores.

Figura 1 – Perfil no Instagram de Jair Bolsonaro



Fonte: Instagram

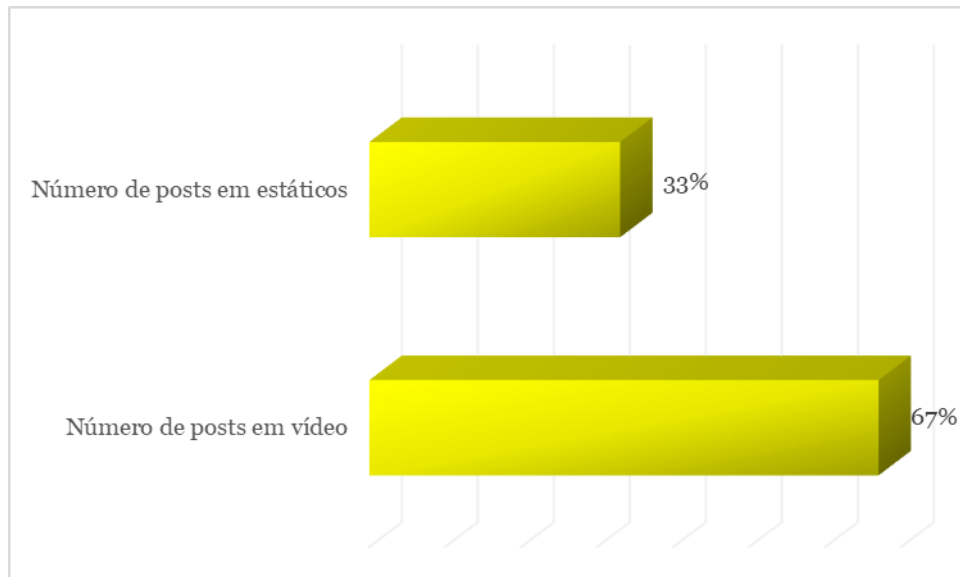
Há algum tempo, Jair Bolsonaro, o ex-presidente do Brasil, também tem se destacado pelo uso eficaz das estratégias de comunicação para propagar seu discurso populista. De acordo com Fernandes (2022),

Bolsonaro utiliza uma combinação de linguagem simples e direta, memes nas redes sociais e uso frequente de discursos incisivos para estabelecer uma conexão emocional com seu público. Ele apela às emoções e aos medos das pessoas, buscando criar uma polarização política que mobiliza seus seguidores e fortalece sua base de apoio. (p. 120).

Nessa perspectiva, para o desenvolvimento da presente análise, mostrou-se necessário contabilizar a quantidade de *posts* publicados por Jair Bolsonaro durante os 30 dias que antecederam a votação da sua última campanha eleitoral, correspondente a 01/09/22a30/09/22. No total, foram feitas 120 publicações, separadas por conteúdos estáticos (40 publicações) e conteúdos audiovisuais (80 publicações). Tal categorização

mostra-se importante, devido à popularidade e ao crescimento exponencial dos conteúdos em vídeo nas redes sociais:

Figura 2- Porcentagem de conteúdos estáticos e audiovisuais



Assim, a partir da porcentagem de vídeos utilizados no período eleitoral (67%), pode-se concluir que Bolsonaro, além de utilizar uma retórica populista, segue as novas tendências de comunicação. Tal afirmação pode ser comprovada pela quantidade significativa de vídeos que ele utilizou em sua última campanha eleitoral. A estratégia de incorporar vídeos em sua campanha reflete a percepção de Bolsonaro sobre a importância da comunicação audiovisual como meio eficaz de transmitir sua mensagem política. Ao adotar essa abordagem, ele reconhece o poder persuasivo dos vídeos, que possuem alta capacidade de engajamento e permitem a transmissão de informações, de forma mais envolvente e impactante. O uso abundante de vídeos na campanha eleitoral de Bolsonaro é um exemplo de como ele se adapta às mudanças no comportamento de consumo de mídia e utiliza estratégias de comunicação que consigam influenciar de forma efetiva seu público-alvo.

Além de sua retórica populista e das grandes estratégias de comunicação, Jair Bolsonaro também se destacou por suas pautas conservadoras e seu posicionamento político de direita. Durante sua campanha eleitoral, o político defendeu fervorosamente bandeiras como família tradicional, religião, liberação do porte de armas, retirada dos direitos das minorias e muito mais. Assim, também mostrou-se necessário incluir na

análise uma categoria que classificasse o estilo de conteúdo que Bolsonaro utilizou durante o período analisado. Para tal, foram definidos três critérios de classificação:

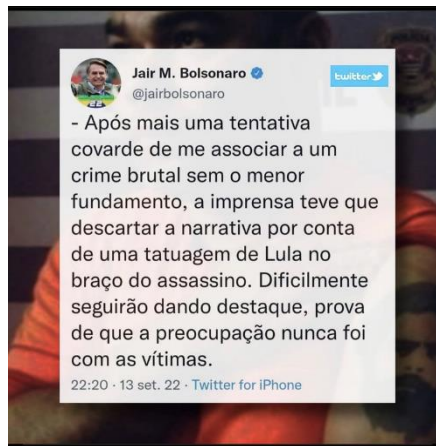
1 – Discursos abordando pautas populistas: a classificação desses discursos tem como base a contextualização teórica previamente feita nos capítulos anteriores:

Figura 3 - Posicionamento de Bolsonaro sobre questão religiosa



Fonte: Instagram

Figura 4 - Ataque de Bolsonaro à imprensa



Fonte: Instagram

2 – Materiais de Campanha: neste tópico, foram enquadrados todos os conteúdos voltados a pedidos de voto, conteúdos feitos para mostrar a abrangência da campanha e muito mais:

Figura 5- Apoio do jogador Neymar à reeleição de Bolsonaro



Fonte: Instagram

Figura 6 – Vídeo divulgando comício de comício de Bolsonaro



Fonte: Instagram

3 – Outros: aqui, os posts enquadrados falam de conteúdos aleatórios, postagens que não estão diretamente relacionadas com o contexto político de uma eleição presidencial:

Figura 7-Vídeo mostrando obra em fase de conclusão



Fonte: Instagram

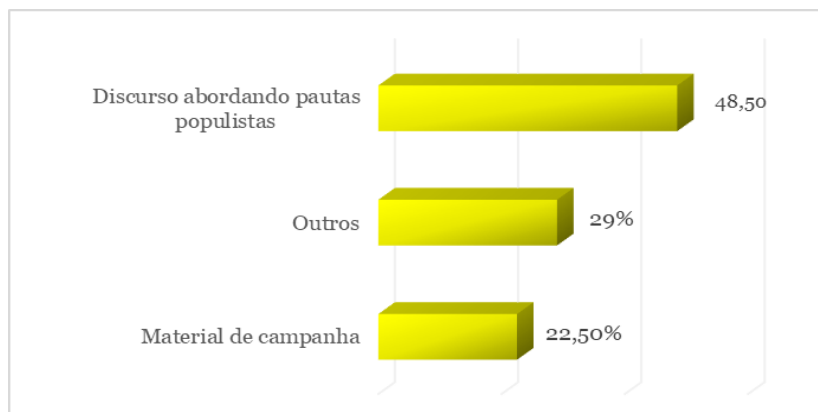
Figura 8- Bolsonaro cumprimentando capoeiristas



Fonte: Instagram

Assim, tendo como base os exemplos anteriormente expostos e a contagem geral do número de postagens, podemos concluir que foram 58 publicações abordando pautas populistas, 35 relacionadas a outros conteúdos e 27 envolvendo materiais de campanha, chegando à seguinte porcentagem de:

Figura 9- Porcentagem da classificação de conteúdos (JB)



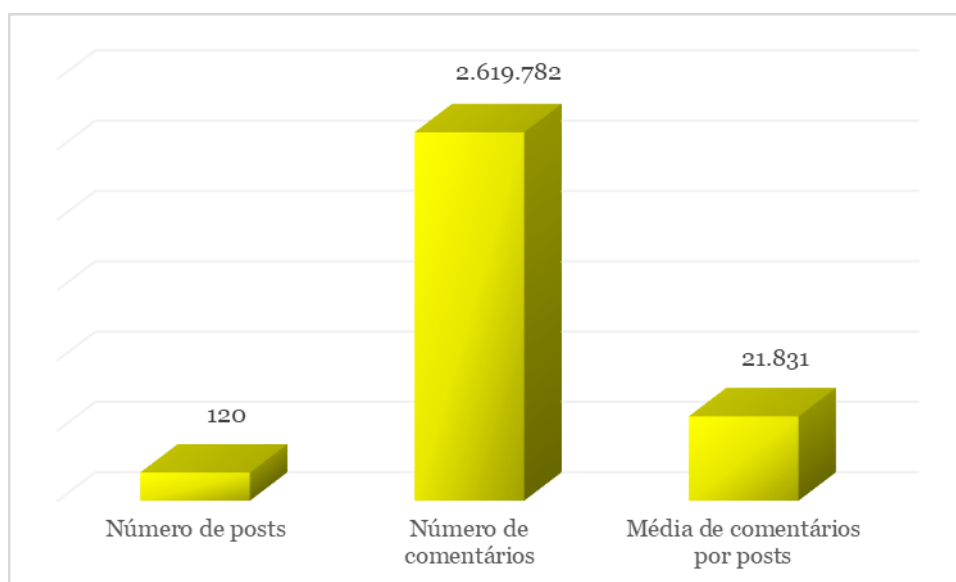
Outro ponto de destaque durante a análise do Instagram de Jair Bolsonaro, durante os 30 dias que antecederam a última eleição presidencial, é a adesão e engajamento no perfil do então presidenciável nas redes sociais. Após a análise dos dados, tornou-se possível evidenciar que o seu engajamento no Instagram é uma questão crucial para a manutenção de seu apoio popular e promoção de suas pautas populistas.

De acordo com Almeida (2021),

O engajamento massivo de Bolsonaro nas redes sociais é um indicativo significativo de sua popularidade e do apoio fervoroso que ele conquistou junto a uma parcela da população. Esse fenômeno reforça ainda mais suas pautas populistas, permitindo-lhe estabelecer uma conexão emocional com seus seguidores e mobilizá-los em torno de sua agenda política. (p. 65).

Assim, com o objetivo de mensurar o engajamento de Jair Bolsonaro, durante o período analisado pela presente dissertação, a autora deste projeto dividiu o número de comentários recebidos (2.619.782) pela quantidade de posts (120), tirando uma média de comentários recebidos por posts (21.831) durante esse período, como evidencia o gráfico a seguir:

Figura 10 - Média de comentários por posts (JB)



Por fim, concluímos que a dinâmica de engajamento intenso nas redes sociais contribuiu para ampliar a visibilidade e a influência de Bolsonaro, consolidando sua imagem como líder populista. Ao mobilizar seus seguidores em torno de suas pautas, ele fortalece seu poder político e estimula o debate público em torno de questões que

permeiam sua agenda, muitas vezes marcadas por apelos simplificados e polarizações ideológicas. Nesse sentido, o engajamento de Bolsonaro nas redes sociais não apenas reflete seu apoio popular, mas também desempenha um papel ativo na promoção de suas pautas e na construção de sua narrativa política.

4.2 Análise de André Ventura

André Ventura, uma figura controversa na política portuguesa, desponta como um dos protagonistas do cenário político atual. Sua ascensão está fortemente ligada ao seu estilo de discurso populista, que se destaca pela sua retórica incisiva e pela abordagem direta de questões sensíveis. Ventura tem se posicionado como um defensor das camadas mais desfavorecidas da sociedade, apresentando-se como uma voz autônoma capaz de representar os interesses do povo.

No âmbito das pautas defendidas por Ventura, a segurança pública emerge como uma de suas principais bandeiras. O político português argumenta que é necessário adotar medidas energéticas para combater a criminalidade e restaurar a ordem nas comunidades. Além disso, Ventura abraça uma postura nacionalista, defendendo a preservação da identidade cultural portuguesa e reforçando o sentimento de pertencimento à nação.

No que diz respeito ao seu posicionamento político, no último período eleitoral, Parrança (2022) afirma que:

As entrevistas dadas por André Ventura durante o período eleitoral fizeram sobressair temas que fazem parte do seu discurso, que, no entanto, não foram tão bem explorados nos debates presidenciais, uma vez que nestes o líder do Chega utilizou o espaço de antena para atacar e diminuir os seus adversários, mais que esclarecer o seu programa eleitoral e algumas questões colocadas pelos jornalistas. (p.34)

Tal afirmação confirma que André Ventura utiliza os espaços midiáticos para propagar seus discursos populistas, e a abordagem retórica carismática e direta do político tem atraído cada vez mais seguidores, ao mesmo tempo em que tem gerado polêmicas e debates acalorados. Ventura, como anteriormente citado, é conhecido por seguir pautas conservadoras e nacionalistas, com ênfase na segurança pública, imigração, identidade nacional e combate à corrupção. Além disso, seus discursos são frequentemente

caracterizados por uma linguagem contundente e promessas de medidas drásticas para lidar com problemas sociais e políticos.

Hoje, com 234 mil seguidores no Instagram, o político português é considerado uma das maiores personalidades políticas do país. De acordo com Barrucho (2023), duas demonstrações claras do prestígio de André Ventura são o crescimento da extrema-direita no país e a ascensão rápida do Chega, partido liderado por André Ventura, que passou de partido de deputado único para a terceira maior força política nacional, elegendando 12 deputados nas eleições legislativas de janeiro de 2022.

Figura 11 – Perfil no Instagram de André Ventura

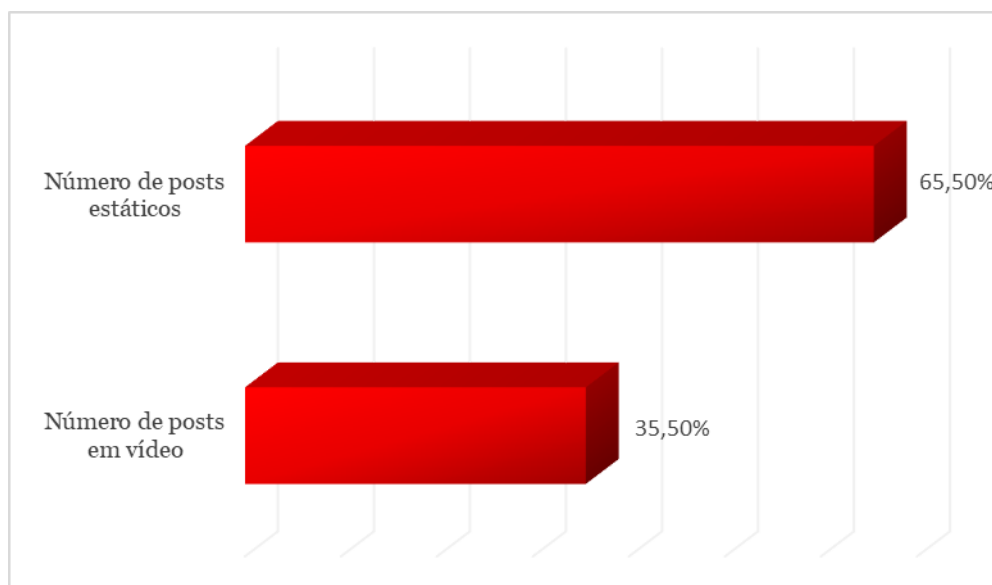


Fonte: Instagram

Para Marchi (2020), André Ventura é o grande responsável pelo crescimento do populismo de direita em Portugal, visto que suas características de líder político jovem, pragmático e mediático permitem que ele alcance pessoas de ideologias e partidos políticos diferentes, assim como os eleitores que também optavam pela abstenção, visto que o voto não é obrigatório em Portugal.

Nessa perspectiva, para o desenvolvimento da presente análise, foram utilizadas as mesmas técnicas de contabilização propostas para Jair Bolsonaro, levando em conta a quantidade de posts publicados por André Ventura durante os 30 dias que antecederam a votação da sua última campanha eleitoral presidencial, realizada entre 25/12/2020 e 23/01/2021. Ao total, foram feitas 31 publicações, separadas por conteúdos estáticos (20 publicações) e conteúdos audiovisuais (10 publicações).

Figura 12- Porcentagem de conteúdos estáticos e audiovisuais (AV)



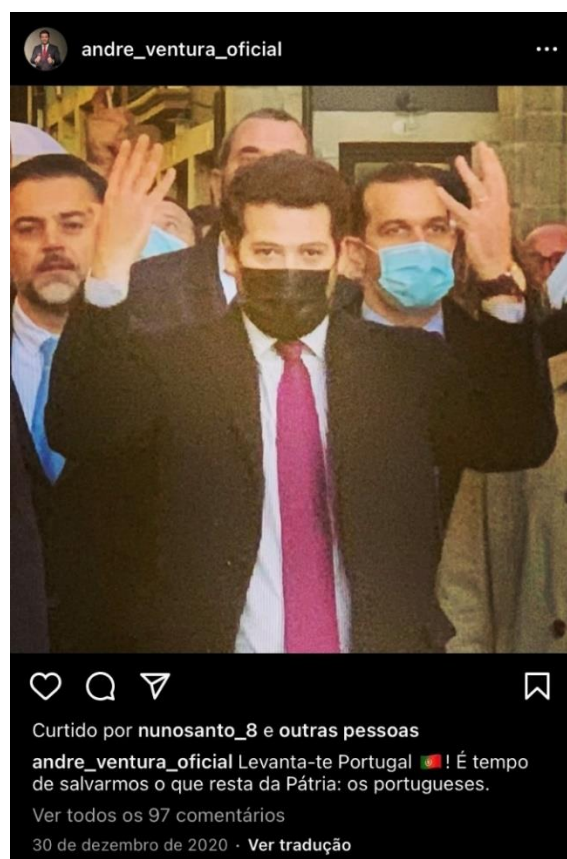
A partir dos resultados expostos pelo gráfico, podemos perceber que durante sua última campanha eleitoral presidencial (2021), André Ventura, embora tenha utilizado o Instagram como parte de sua estratégia de comunicação, não o empregou de forma totalmente estratégica, visto que apenas 35,50% dos seus conteúdos foram em formato audiovisual. Além disso, ao analisar sua presença digital, observa-se que Ventura optou por fazer poucas publicações, priorizando, em grande medida, conteúdos estáticos. Tal abordagem contrasta com a natureza dinâmica das redes sociais e com a importância de uma estratégia bem elaborada para aproveitar ao máximo o potencial dessas plataformas.

A seguir, podemos afirmar que a sua retórica populista é o seu maior trunfo, tendo sido utilizada em debates, comícios e outros eventos para propagar as suas pautas conservadoras e seu posicionamento político de direita. Durante sua campanha eleitoral, o político defendeu de forma maciça os seus argumentos contra a imigração e a favor do nacionalismo, família e religião. Nesse cenário, apesar de André Ventura não

ter gerado uma quantidade expressiva de publicações, iremos analisar quais foram os tópicos abordados nos momentos em que ele utilizou o Instagram. Para tal, utilizaremos os três critérios de classificação definidos no início do capítulo:

1 – Discursos abordando pautas populistas: a classificação desses discursos tem como base a contextualização teórica, previamente feita nos capítulos anteriores:

Figura 13 – André Ventura e a pauta nacionalista



Fonte: Instagram

Figura 14– André Ventura e a pauta da segurança pública



Fonte: Instagram

2 – Materiais de Campanha: neste tópico, foram enquadrados todos os conteúdos relacionados a pedidos de voto, materiais feitos para mostrar a abrangência da campanha e muito mais:

Figura 15– Comício Drive-in de André Ventura



Fonte: Instagram

Figura 16 – Pedido de voto de André Ventura



Fonte: Instagram

3 – Outros: aqui, os conteúdos enquadrados falam de conteúdos aleatórios, postagens que não estão diretamente relacionadas com o contexto político de uma eleição presidencial:

Figura 17 – Desejo de Boas Festas



Fonte: Instagram

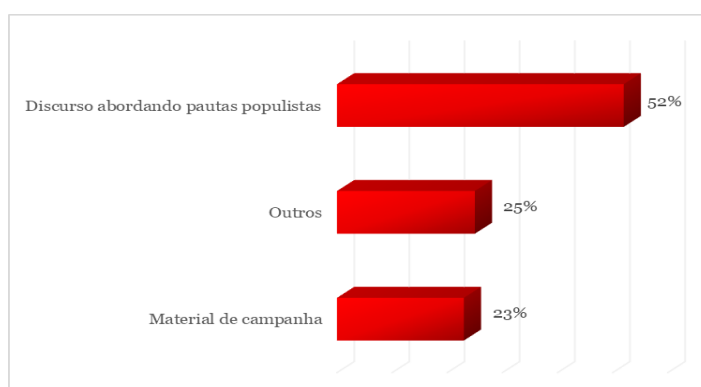
Figura 18 – Postagem mais humanizada que mostra momento de lazer



Fonte: Instagram

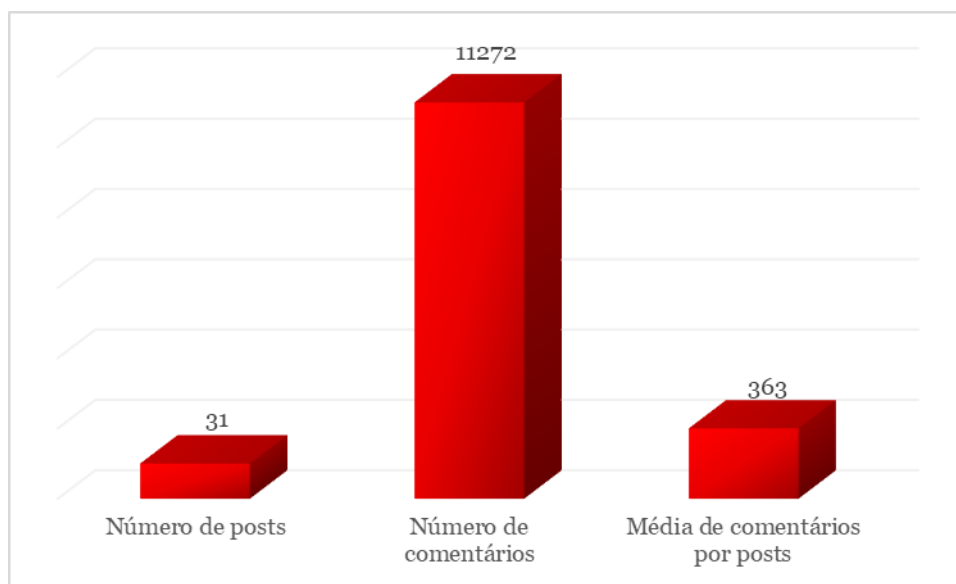
Assim, tendo como base os exemplos anteriormente expostos e a contagem geral do número de postagens, podemos concluir que foram 16 publicações abordando pautas populistas, 8 relacionadas com outros conteúdos e 7 envolvendo materiais de campanha, chegando à percentagem de:

Figura 19 - Porcentagem da classificação de conteúdos (AV)



Agora, com o objetivo de mensurar o engajamento de André Ventura durante o período analisado pela presente dissertação, a autora deste projeto dividiu o número de comentários recebidos (11.272) pela quantidade de posts (31), tirando uma média de comentários recebidos por posts (363) durante esse período, como evidencia o gráfico a seguir:

Figura 20 - Porcentagem da classificação de conteúdos (AV)



Após a análise dos comentários recebidos no perfil de André Ventura, durante o período de pesquisa, pôde-se perceber que o Instagram do político direitista não contou com um engajamento expressivo, fator que pode ter sido determinado pela pequena quantidade de publicação de conteúdos na rede.

De acordo com Rebelo *et al.* (2020), os cidadãos e atores políticos conseguem estar mais ativos e presentes nas redes sociais, através da partilha rápida de opiniões e temas relevantes a serem abordados, o que, como um todo, aumenta os níveis de engajamento entre ambas as partes. Mas, quando o ator político não consegue atrair efetivamente a população, o engajamento não é expresso de forma relevante.

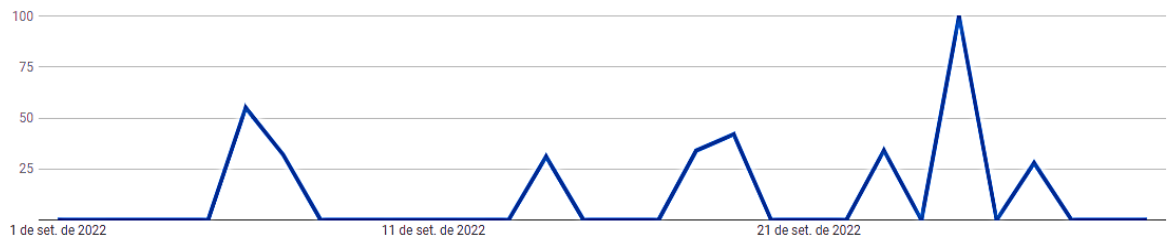
Em suma, embora André Ventura tenha utilizado o Instagram em sua última campanha eleitoral, sua abordagem limitada e o foco em conteúdos estáticos podem ter resultado em um impacto e engajamento reduzidos com os seguidores. A utilização plena do potencial do Instagram como ferramenta política requer uma estratégia mais abrangente e adaptada às dinâmicas digitais em constante evolução.

4.3 Similaridade e discrepâncias entre os políticos analisados

Após uma análise minuciosa dos dados envolvendo os políticos André Ventura, de Portugal, e Jair Bolsonaro, do Brasil, é possível identificar tanto semelhanças quanto discrepâncias entre eles. Embora provenham de contextos políticos distintos, ambos despertam interesse e são frequentemente objeto de comparação devido a algumas características e abordagens em comum. No entanto, é importante ressaltar que existem também implicações que moldam suas trajetórias políticas.

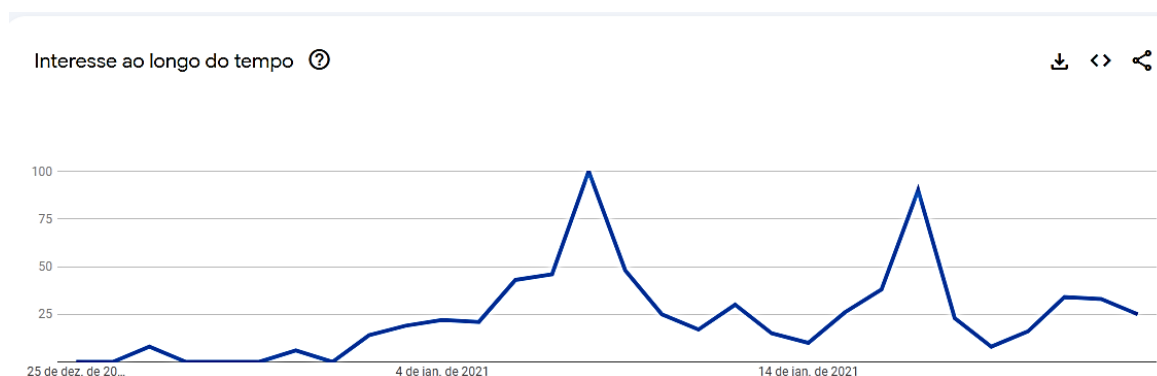
Para iniciar o processo de análise comparativa, foi utilizada a ferramenta de pesquisa *Google Trends*, visando estudar a popularidade desses líderes populistas no respectivo período delimitado. Para tal, foram analisadas a quantidade de pesquisas feitas procurando o nome dos presidentiáveis.

Figura 21 - Pesquisa por Jair Bolsonaro na Internet



Fonte: Google Trends

Figura 22 - Pesquisa por André Ventura na Internet



Fonte: Google Trends

A partir desse cenário, podemos analisar que a procura por Jair Bolsonaro na Internet está sempre oscilando, possuindo momentos de destaque em quase todo período de pesquisa, enquanto a procura por André Ventura segue um padrão mais linear, com apenas duas oscilações de resultados, entre o meio do período eleitoral.

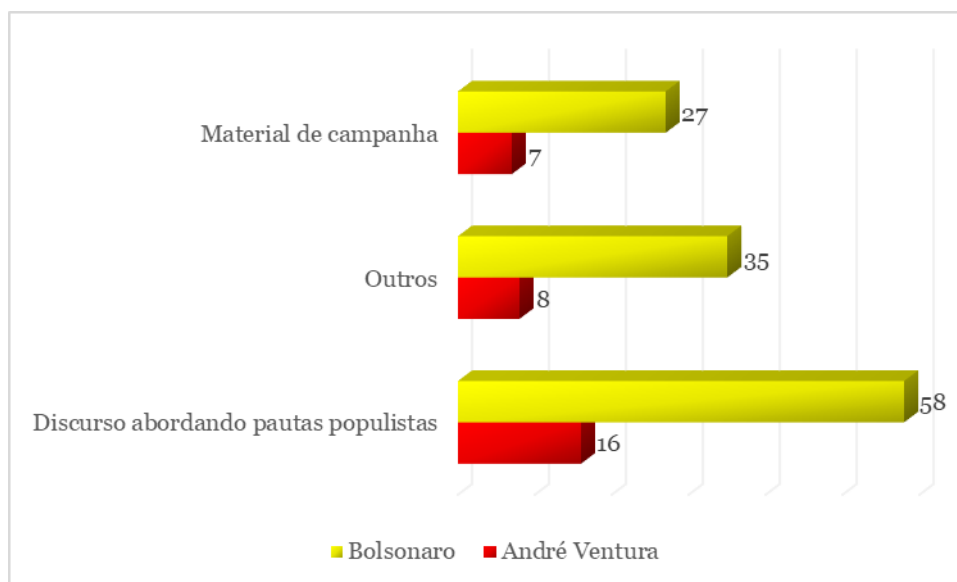
Outro ponto discrepante entre Jair Bolsonaro e André Ventura é a enorme diferença na quantidade de seguidores do Instagram: enquanto Bolsonaro acumula mais de 25 milhões, André Ventura ainda está na casa dos 200 mil. Mas, perante tal discrepância é preciso levar em conta a população de cada país. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), atualmente o Brasil conta com uma população de aproximadamente 213.317.639 pessoas, enquanto Portugal segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE, 2021) conta com 10.352.042 residentes.

Por isso, é fundamental destacar que algumas das discrepâncias encontradas entre esses dois políticos estarão ligadas também a uma escala de influência, visto que Jair Bolsonaro já foi presidente do Brasil, um país com dimensões continentais maiores e presença internacional e André Ventura é um deputado português e líder de um partido relativamente novo, com menos impacto a nível internacional.

Em uma outra perspectiva, uma das semelhanças notáveis entre Ventura e Bolsonaro é a forma assertiva de se expressar e a retórica populista compartilhada por ambos. Afinal, os políticos direitistas analisados são conhecidos por suas declarações controversas e por abordar temas sensíveis de maneira incisiva. Assim, tornou-se

necessária a criação de um gráfico que comparasse os posicionamentos expressos por ambos, nas redes sociais, durante o período analisado, chegando ao resultado a seguir:

Figura 23 - Comparação de conteúdos publicados



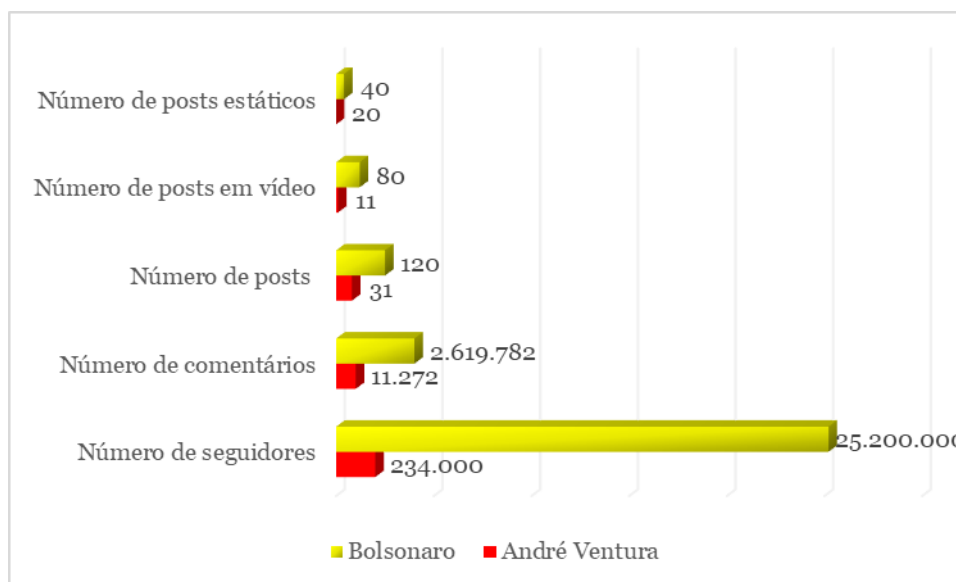
O gráfico exposto anteriormente também mostra que a maioria dos conteúdos postados por Jair Bolsonaro e André Ventura está ligada a pautas populistas. Assim, tanto Ventura quanto Bolsonaro se alinham a ideais conservadores em questões sociais e morais, posicionando-se contra o avanço de políticas progressistas e defendendo princípios tradicionais em áreas como segurança, família, religião e costumes.

Outra discrepância importante é a agenda política e as propostas de cada um. Enquanto Bolsonaro tem sido associado a uma agenda liberal na economia e defende uma maior liberalização do mercado, Ventura se apresenta como um defensor do Estado de bem-estar social e da justiça social em Portugal, adotando uma postura mais intervencionista nas questões negativas.

A partir de outro ângulo, é possível perceber que durante suas respectivas campanhas políticas, o ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro e o deputado português André Ventura apresentaram estratégias distintas em relação ao uso do Instagram como uma ferramenta de comunicação estratégica. Enquanto Bolsonaro adotou uma estratégia de comunicação avançada, utilizando principalmente vídeos para se conectar com o público, Ventura optou por um estilo mais tradicional, baseado em publicações estáticas. Tal diferença na abordagem demonstra como esses políticos adaptaram-se de

maneiras distintas para alcançar seus ouvintes e transmitir suas mensagens, como mostra o gráfico a seguir:

Figura 24 - Comparação de conteúdos utilizados



A diferença na estratégia de comunicação entre Bolsonaro e Ventura pode ser atribuída a diversos fatores, como o contexto político e cultural de cada país, bem como as características pessoais e a equipe de campanha de cada político. Bolsonaro, com sua ampla presença nas redes sociais, reconheceu a importância da comunicação digital para ampliar seu alcance e consolidar sua imagem. Sua equipe de campanha investe em estratégias avançadas de produção e edição de vídeos, permitindo-lhe criar conteúdo de alta qualidade e atrativo para o seu público.

Já André Ventura, embora também tenha uma presença significativa nas redes sociais, não priorizou tanto o uso de vídeos no Instagram em sua campanha. É possível que sua equipe tenha optado por uma abordagem mais conservadora em termos de comunicação, preferindo publicações estáticas para transmitir suas mensagens. Além disso, as características pessoais de Ventura também podem ter influenciado sua escolha de estratégia de comunicação no Instagram.

O gráfico anterior ainda aborda também a discrepância entre a quantidade de publicações feitas por André Ventura e Bolsonaro, visto que o número de publicações de Bolsonaro chega a ser praticamente 4 vezes maior do que as de André Ventura. A partir desse fator, podemos concluir que a campanha de Jair Bolsonaro investiu mais

no ambiente digital, enquanto André Ventura ainda não tinha aderido totalmente ao formato de campanha política online.

Portanto, a partir da análise dos presentes dados, podemos concluir que embora André Ventura e Jair Bolsonaro compartilhem algumas características, como a retórica, a defesa de valores conservadores, suas diferenças são igualmente relevantes. As diferenças encontradas são significativas, pois mostram um cenário em que o Brasil se posiciona à frente, no que diz respeito a campanhas eleitorais online, mas também evidência que Portugal está caminhando para um universo mais digitalizado, o que favorece o crescimento do populismo de direita nas redes sociais.

Conclusão

Ao analisar a relação entre esfera pública, populismo e eleições, tornou-se possível constatar que a ascensão do populismo de direita está intrinsecamente ligada ao advento da Internet e às transformações ocorridas na esfera pública contemporânea. Com a popularização das redes sociais e o fácil acesso à informação, políticos como Jair Bolsonaro no Brasil e André Ventura em Portugal conquistaram uma base de apoio expressiva e crescente.

A contextualização histórica revela que a esfera pública, conceito cunhado por Jürgen Habermas, sempre foi um espaço de debate e discussão dos assuntos de interesse coletivo. No entanto, com as alterações provocadas pela Internet e pelas redes sociais, observa-se uma reconfiguração desse espaço público. As redes digitais se tornaram arenas onde se desenrolam os debates políticos, permitindo que indivíduos comuns participem ativamente e expressem suas opiniões.

De acordo com Souza (2018), a relativização da verdade e o bloqueio da capacidade de reflexão são consequências da construção de mitos nacionais, que criam contos de fadas para adultos, instaurando a crença de que existe o certo, de um lado, e o errado, de outro. Com base nessa afirmação, entende-se o porquê da criação de narrativas mirabolantes dentro do universo político. Aqui, os candidatos André Ventura e Jair Bolsonaro utilizam as crenças pessoais do eleitorado para fabricar histórias que tragam aos indivíduos a falsa sensação de certeza e pertença, ocasionando o obscurantismo social.

Nesse contexto, o populismo de direita tem ganhado força, e políticos como Bolsonaro e Ventura se destacam por sua habilidade de utilizar as ferramentas digitais para disseminar mensagens populistas. A popularidade desses políticos está diretamente relacionada com a capacidade de estabelecer uma conexão rápida com a população, contornando os canais tradicionais de comunicação.

A partir de desse cenário, os representantes do povo, eleitos através do regime democrático, encarregaram-se de usar discursos extremistas em seu favor, favorecendo a polarização e, conseqüentemente, a formação de bolhas. Assim, a ascensão do movimento populista é rápida e coordenada, tendo em vista que as convicções individuais dos políticos e, posteriormente do eleitorado, tornaram-se mais relevantes do que a própria verdade.

Assim, a análise comparativa realizada na presente dissertação comprovou que durante os períodos eleitorais, a maioria dos conteúdos divulgados estão relacionados a discursos populistas. Tais discursos apelam para questões emocionais e identitárias, explorando o sentimento de indignação e a insatisfação popular com o *status quo*. Afinal, os políticos populistas como André Ventura e Jair Bolsonaro buscam simplificar problemas complexos, prometendo soluções rápidas e apelando para a polarização política.

Apesar das semelhanças estruturais também foram encontradas características destoantes. Dessa forma, tornou claro que ambas as personalidades usam pautas populistas para consolidar seus ideais. Mas, a forma com que os discursos são utilizados apresentam padrões diferentes entre Ventura e Bolsonaro, tornando possível afirmar que cada presidente adequa as pautas populistas ao perfil social do seu país.

Diante desse cenário, torna-se possível compreender as dinâmicas da esfera pública contemporânea e as estratégias utilizadas pelos políticos populistas. A partir de uma visão moderna, o crescimento do populismo de direita mostra-se como um fenômeno que merece atenção e análise cuidadosa, uma vez que sua influência pode gerar consequências para a democracia e para a sociedade como um todo.

Portanto, a pesquisa aqui realizada, na qual dados como quantidade e frequência de postagens, média de comentários por posts e classificação do conteúdo mostram resultados que evidenciam que a popularidade de políticos como Jair Bolsonaro e André Ventura está intrinsecamente relacionada com o uso estratégico das redes sociais e com a disseminação de discursos populistas, ampliando a entrada dessa ideologia em seus países.

À vista de tudo o que foi estudado, fica claro que a democracia portuguesa e brasileira está passando por uma fase de risco. Os discursos extremistas potencializaram o crescimento de governos populistas de extrema direita, colocando em perigo todos os direitos adquiridos através de anos de evolução. Por sua vez, o povo mostra-se cansado em relação à política, tendo maior probabilidade de aderir à ideologia dos “salvadores da pátria”.

Como consequência, a ascensão do populismo de direita nas redes sociais é fator determinante para a popularização de políticos como André Ventura e Jair Bolsonaro, proporcionando a coordenação de ataques democráticos à própria democracia. Assim, é necessário encontrar medidas que auxiliem no combate da propagação desses discursos de forma efetiva, fazendo com que a democracia volte a obter seu lugar de credibilidade. Por fim, esse é o nosso desafio.

Referências Bibliográficas

Agio, C. (2014). *Comunicação e democracia: Teorias da comunicação e democracia deliberativa*. Paulus.

Almeida, P. (2021). O engajamento de Bolsonaro nas redes sociais e suas pautas populistas. *Revista de Estudos Políticos*, 40(3), 60-75.

Andrade, M.; & Caldas, I. (2019). "Os ataques de Bolsonaro à imprensa e os riscos para a democracia brasileira". *Nexo Jornal*.

Araújo J. (2022, 15 Agosto). *Conheça as regras para propaganda eleitoral nas redes sociais*. Rádio Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/08/15/conheca-as-regras-para-propaganda-eleitoral-nas-redes-sociais>

Art of the Lie (2016, 10 setembro). *The Economist*.
<https://www.economist.com/leaders/2016/09/10/art-of-the-lie>

'As redes sociais deram voz aos imbecis': 17 frases e lições de Umberto Eco. (2016, 22 fevereiro). *Olhar Direto*. Disponível em: <https://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=416064¬icia=as-redes-sociais-deram-voz-aos-imbecis-17-frases-e-licoos-de-umberto-eco>

Azevedo Junior, A. C.; & Lima, A.M.L. (2015, 22 abril). *Imagem e política: O Instagram na corrida ao Planalto em 2014*. VI Compolítica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2015/04/GT-9-azevedo-jr-e-lima.pdf>

Barata, G. R. (2021). Uma análise netnográfica à comunicação do partido Chega durante as Eleições Presidenciais de 2021. (Dissertação de mestrado, Universidade Europeia, Lisboa, Portugal).

Barbero, J. M. (2009). *Dos meios às mediações*. UFRJ.

Barrucho, L. (2023, 24 abril). Quem é André Ventura, líder da direita radical em Portugal que convocou uma manifestação contra Lula. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c9r037eldw10>

Barros, A. P. (2008, Jan -Dez). *A importância do conceito de esfera pública de Habermas para a análise da imprensa: uma revisão do tema*. *Universitas: Arquitetura e Comunicação Social*, 5 (2), 23-34.

Berners-Lee, T. (2017, 12 março). *The Guardian*. *I invented the web. Here are three things we need to change to save it*. Disponível em: https://www.theguardian.com/technology/2017/mar/11/tim-berners-lee-web-inventor-save-internet?CMP=share_btn_tw

- Brites, F.; & Porcello, F. (2018). *Verdade x Mentira: A ameaça das Fake News nas eleições de 2018 no Brasil*. In Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, (41), 1-14. Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0364-1.pdf>
- Bryman, A. (2016). *Métodos de pesquisa social*. Imprensa da Universidade de Oxford.
- Burke, A. & Stets, J. E. (2009). *Identity Theory*. Oxford University Press.
- Castells, M. (2003). *A galáxia da internet*. Zahar.
- Castells, M. (2013). *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Zahar.
- Creswell, JW e Creswell, JD (2018). *Projeto de pesquisa: abordagens de métodos qualitativos, quantitativos e mistos*. Sage Publicações.
- Cyber-enabled threats*. (2018, 20 de outubro). European Commission, (Vol 1), p.24. Disponível em: https://ec.europa.eu/epsc/sites/epsc/files/epsc_-_election_interference_thinkpieces.pdf
- Comissão Nacional de Eleições (nd). *Perguntas Frequentes: Propaganda*. <https://www.cne.pt/faq2/100/5>
- Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Senado Federal, p. 292.
- Constituição da República Portuguesa (2005). *VII Revisão Constitucional*. Parlamento. <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>
- Cunha, P. (2109, 28 junho). *Nunca houve tantos estrangeiros a viver em Portugal: são mais de 480 mil*. Publico. <https://www.publico.pt/2019/06/28/sociedade/noticia/ha-480-mil-imigrantes-viver-portugal-maior-numero-ha-registo-1878007>
- Digital News Report 2019. Reuters Institute. Oxford. https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/201906/DNR_2019_FINAL_o.pdf
- Évy Pierre. (2014). *O que é virtual?* Editora 34.
- Estimativas de População Residente, Portugal, NUTS I, II e III e Municípios. Exercício Ad hoc 2020 e 2021*. (2022, 15 Junho). Portal INE. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaque&DESTAQUESdest_boui=540837471&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt
- Internet, democracia e eleições: Guia prático para gestores públicos e usuários* (2018). Comitê Gestor da Internet no Brasil Disponível. <https://cgi.br/media/docs/publicacoes/13/Guia%20Internet,%20Democracia%20e%20Elei%C3%A7%C3%B5es>

- Fernandes, M. (2022). *Comunicação populista de Jair Bolsonaro: Estratégias de linguagem, memes e polarização política*. Revista de Comunicação Política, 35(1), 110-125.
- Fiorilo, B. V. (2016, 19 Junho). *Os limites da liberdade de imprensa no Estado Democrático de Direito*. Revista Jus Navigandi. <https://jus.com.br/artigos/37590/os-limites-da-liberdade-de-imprensa-no-estado-democratico-de-direito>.
- Gama, R.; Vilicic, F., & Marthe, M. (Eds.). (2019, 18 setembro). *Uma basta à ignorância*. Veja, 2652 (38), 53-61.
- Gomes, W. (2018). *A democracia digital e os desafios da cidadania no século XXI*. Editora Senac.
- Gomes, W. (2019). *Democracia Digital: Redes, Conflitos e Comunicação Política*. Editora Unesp.
- Gomes, W. (2019, 1 novembro). *Testando os limites da ordem constitucional liberal*. Revista Cult. <https://revistacult.uol.com.br/home/testando-os-limites-da-ordem-constitucional-liberal/>
- Gomes, W. (2019). *Populismo de direita e crise da democracia*. Novos estudos. CEBRAP, 115, 7-21.
- Gomes, W. (2020). *“Populismo, fake news e crise da democracia no Brasil”*. Revista Novos Estudos, 39 (3), 21-34.
- Grygiel, J. (2021). *Democracia e os desafios dos ataques internos e externos*. Revista Brasileira de Política Internacional, 64(1), 21-38. <https://doi.org/10.1590/0034.7329202100103>
- Habermas, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Tradução: Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003
- Hepp, A. (2014). *The communicative figurations of mediatized worlds: Mediatization research in times of the ‘mediation of everything’*. European Journal of Communication, 29. <https://doi.org/10.1177/0267323113501148>
- Hepp, A.; Breiter, A. & Hasebrink (Eds.). (2018), *Communicative Figurations. Transforming Communication in Times of Deep Mediatization*. Palgrave MacMillan.
- Heinisch, R., Holtz-Bacha, C., & Mazzoleni, O. (Eds.). (2017). *Populism in the 21st Century: Deciphering the "New" Politics*. Routledge.
- Huddy, L. & Feldman, S. (2011). *Americans' Belief in Out-Group Homogeneity: A Reassessment*. Analyses of Social Issues and Public Policy, 11(1), 129-156.
- Huddy, L., & Feldman, S. (2011). *Americans respond politically to 9/11: Understanding the impact of the terrorist attacks and their aftermath*. Cambridge University Press.

- Inglehart, R., & Welzel, C. (2018). *Modernização, mudança cultural e democracia: A sequência do desenvolvimento humano* (Vol. 14). Cambridge University Press.
- Institute for Strategic Dialogue (2019). *Countering Extremism on Social Media: Best Practices for the Private Sector*. White Paper.
- Ionescu, G., & Gellner, E. (1969). *Populism: Its meanings and national characteristics*. *European Journal of Sociology / Archives Européennes de Sociologie*, 10(1), 1-41.
- Kakutani, M. (2018). *A morte da verdade*. Intrínseca.
- Kazin, M. (1995). *The populist persuasion: An American history*. Cornell University Press. (p. 1).
- Levitsky, S., & Ziblatt, D. (2018). *Como as democracias morrem*. Zahar
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. Editora 34.
- Lévy, P. (2014). *O que é virtual?* Editora 34.
- Locke, J. (1973). *Coleção dos Pensadores*. Abril Cultural.
- Lopes, A., & Paulo, R. (2021). O discurso político de André Ventura: Uma análise crítica das posturas xenófobas e anti-imigração. *Revista de Estudos Políticos*, 35(2), 45-62.
- Machado, E.; & Palacios, M. (2010). *Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL*. In C. Lago & M. Benetti, Marcia (Eds). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Vozes.
- Machado, J. (2016). *Estratégias comunicacionais no contexto de crise: os contratos de comunicação da Petrobras, O Globo e Planalto em mídias digitais*. (Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil).
- Machado, J.; & Rossoni, R. (2022). *Estratégias de comunicação política digital no Instagram: uma análise da campanha Eleitoral da chapa Boulos/Erundina à prefeitura de São Paulo*. *Revista Cadernos de Comunicação*, 26 (3), 4. <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/70405/51001>
- Marchi, R. (2020). *A nova direita anti-sistema. O caso do Chega*. Ed. Almedina
- Mair, P. (2002). *Populist democracy vs. party democracy*. In Y. Mény & Y. Surel (Eds.), *Democracies and the populist challenge* (pp. 81-98). Palgrave Macmillan.
- Marshall, M. (1969). *Os meios de comunicação como extensões do homem: Understanding Média*. Cultrix.
- Marx, K. (2006). *Liberdade de imprensa*. L&PM.

Miguel, L. F. (2018 a). *Bolsonaro: A anatomia do fenômeno* (p.116). Boitempo Editorial.

Miguel, L. F. (2018 b). *Bolsonaro: A anatomia do fenômeno* (p.189). Boitempo Editorial.

Milão, L. A. (2013, 4 julho). *Umberto Eco: "Informação demais faz mal"*. <https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/07/umberto-ecob-informacao-demais-faz-mal.html>

Moffitt, B. (2016). *The global rise of populism: Performance, political style, and representation*. Stanford University Press.

Mudde, C. (2004). The populist zeitgeist. *Government and Opposition*, 39(4), 542-563. <https://doi.org/10.1111/j.1477-7053.2004.00135.x>

Mudde, C. (2007). *Partidos Populistas de Direita Radical na Europa*. Cambridge University Press.

Mudde, C. (2016). *A direita radical populista: Um leitor*. Routledge

Mudde, C. (2017 a). *Populism in the Twenty-First Century: An Iliberal Democratic Response to Undemocratic Liberalism*. The Andrea Mitchell Center for the Study of Democracy.

Mudde, C. (2017 b). *Populism: An overview of the concept and the state of the art*. The Oxford Handbook of Populism, 1-26. Oxford University Press.

Mudde, C., & Kaltwasser, C. R. (2017 c). *Populism: A very short introduction*. Oxford University Press.

Müller, J. W., & Rauh, C. (2018). *Populism and the Mirror of Democracy* (p.116). Verso Books.

Naddi, B. W. (2019). *Os desafios impostos pelas mídias sociais à democracia*. USP. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4950784/mod_resource/content/1/Os%20desafios%20impostos%20pelas%20m%C3%ADdias%20sociais%20%C3%A0%20democracia%20aula%209.pdf

Norris, P.; & Inglehart, R. (2019). *Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism*. Cambridge University Press.

O'Donnell, G. (1991). Delegative democracy. *Journal of democracy*, 2(1), 55-69.

Ortellado, P.; & Moretto, M. (2018, August). *Polarização e desinformação online no Brasil*. Friedrich Ebert Stiftung Brasil. <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14629.pdf>

- Patton, M.Q. (2015). *Pesquisa qualitativa e métodos de avaliação: Integrando teoria e prática* (4ª ed.). Sage Publicações.
- Parrança, A.D.M. (2022). *O populismo de André Ventura: uma análise discursiva da campanha para as eleições presidenciais de 2021*. (Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal).
- Panizza, F. (2005). *Populism and the mirror of democracy*. Verso Books.
- Pereira, G. (2022, 26 outubro). *Qual foi a primeira rede social do mundo? Veja evolução das plataformas*. Techtudo.
<https://www.techtudo.com.br/listas/2022/10/qual-foi-a-primeira-rede-social-do-mundo-veja-evolucao-das-plataformas.ghtml>
- Pinto, A. C. (2019) "O Chega e a Direita Radical em Portugal". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (120), 57-81.
- Pinto, J. F. (2018). *Populismo e democracia*. Leya
- Pinto, M. A. (2006). *Evolução do direito público da Cidadania*. *Revista Curso de Direito*. *Revista Curso de Direito*, 4, 201-250.
<https://www.corteidh.or.cr/tablas/r30664.pdf>
- Pires, I. (2016). *"Xenofobia, Racismo e Políticas de Imigração em Portugal"* (p.72). (Tese de Mestrado em Relações Internacionais. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal).
- Pew Research Center. (2019). *Global Attitudes and Trends*.
- Rebelo, I., Felício, L., Rodrigues, M., Magalhães, M., & Filipe Teixeira, R. (2020). O Twitter como estratégia mediática para a chegada de novos partidos à Assembleia da República portuguesa. *Prisma.Com*, 43, 62–82.
<https://doi.org/10.21747/16463153/43a3>
- Reis, R. N.; Morais, C.; & Willians J. (2016, 15-16 Junho). *Mídia e Opinião Pública na obra "Mudança Estrutural da Esfera Pública"*. 6º Encontro Regional Sul de História e Mídia, Ponta Grossa, UEPG, Paraná.
- Ribeiro, A. P.; & Burgos, M. B. (2019). "O que esperar do governo Bolsonaro?". *Revista Estudos Avançados*.
- Rousseau, J. (1985). *Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens*. UnB.
- Rousseau, J. (1995). *Discurso sobre a economia política e do contrato social*. Vozes.
- Santos, J. G. (2020). *Populismo em Portugal: O Caso do Chega*. Edições Afrontamento.

Santos, A. (2018). Metodologia da pesquisa científica: a importância da metodologia na produção do conhecimento. In: Anais do Congresso Nacional de Educação. Brasília, DF, Brasil.

Santos, A. (2021). O sucesso de Jair Bolsonaro nas redes sociais: Estratégias de comunicação e mobilização política. *Revista de Comunicação Política*, 30(3), 70-85.

Santos, B. S. (2020). *A cruel pedagogia do vírus* (p.93). Almedina.

Silva, M.L (2017). A importância da revisão bibliográfica na pesquisa científica. *Revista Científica Multidisciplinar*, 1(2), 71-82.

Silva, C. (2020). A política direitista de Jair Bolsonaro: conservadorismo, liberalismo econômico e abordagem punitiva no combate ao crime. *Revista de Ciência Política*, 25(2), 35-50.

Silva, J. (2022). O crescimento dos conteúdos em vídeo nas redes sociais: Impacto e influência na comunicação contemporânea. *Revista de Mídias Digitais*, 40(2), 50-65.

Solano, E.; Ortellado, P.; & Moretto, M. (2017, March). *2016: o ano da polarização?* Friedrich Ebert Stiftung Brasil. <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/13249.pdf>

Sorj, B.; Cruz, F. B; Santos, M. W.; Ribeiro, M. M.; & Ortallado, P. (2018). *Sobrevivendo nas redes: Guia do cidadão*.

Souza, J. (2018). *A classe média no espelho*. Estação Brasil.

Smith, J. (2020). A ascensão do Instagram: um fenômeno cultural. *Jornal de Estudos de Mídia Social*, 10(2), 45-60.

Snyder, T. (2017). *Tiranias: vinte lições do século XX para o presente*. Companhia das Letras.

Sunstein, C. R. (2017). *Republic: Divided Democracy. In the Age of Social Media*. Princeton. University Press.

Taggart, P. (2004). *Populism and representative politics in contemporary Europe*. *Journal of political ideology*, 9(3), 269-288.

The state of broadband 2019: broadband as a foundation for sustainable development. (2019, Setembro). Itu/Unesco.

<https://broadbandcommission.org/Documents/StateofBroadband19.pdf>

Treisman, D. (2019). *Populism and the Decline of Democracy*. Council on Foreign Relations.

Verba, S., Scholzman, K. L., & Brady, H. E. (1995). *Voice and equality: Civic voluntarism in American politics*. Harvard University Press, (p.2).

Vilalba, H. G. (2013). *O contrato social de Jean-Jacques Rousseau: uma análise para além dos conceitos*. Marília Unesp, 6(2), 64-76. <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/heliovilalba.pdf>

Wendt, A. (1992). *Anarchy is what states make of it: The social construction of power politics*. *International Organization*, 46 (2), 391-425.

Yin, RK (2018). *Pesquisa de estudo de caso e aplicações: Design e métodos* (6^a ed.). Sage Publicações.

Zarzalejos, J. A. (2017, março). *Comunicação, jornalismo e fact-checking*. *Revista UNO*, 27, 11-13. <https://www.revista-uno.com.br/numero-27/comunicacao-jornalismo-e-fact-checking/>

Zsolnai-Fehér, K. (2018, 15 Outubro). *Deep Fakes: The Next Stage of Disinformation and “Elections 3.0”*. In *Election Interference in The Digital Age: building resilience to cyber-enabled threats*. European Commission. https://ec.europa.eu/epsc/sites/epsc/files/epsc_election_interference_thinkpieces.pdf